



**CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**PRODUÇÃO DO SUJEITO E DO TERRITÓRIO:
o caso de um jovem guarani mbya com baixa visão**

Orientador: Armando Barros

**Bruno Pereira da Silva
Junho de 2009**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



**CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**PRODUÇÃO DO SUJEITO E DO TERRITÓRIO:
o caso de um jovem guarani mbya com baixa visão**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação (área de concentração: Linguagem, Subjetividade e Cultura), desenvolvida sob a orientação do Prof. Dr. Armando Barros.

**Bruno Pereira da Silva
Junho de 2009**

*“à todas as vozes que falaram,
que falam e falarão em mim.”*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por iluminar diariamente meus caminhos, dando-me força para vencer tantos obstáculos, e foram muitos, não permitindo que o cansaço me vencesse.

A todos que, de alguma forma, participaram de minha caminhada acadêmica: os colegas de curso, pela troca intelectual generosa e também pelas cervas geladas nos bares da vida; os professores, em especial a Edith Frigotto, Cecília Goulart, Maria de Fátima e, claro, especialmente a meu orientador Armando Barros, com quem reparti meus dramas pessoais e crises existenciais; ao Leio/UFF nas contribuições importantes de Adriana, Carine e Carla e os amigos que conquistei ao longo de minha vida acadêmica e que foram importantes para que eu chegasse até aqui!

Pensar educação no Brasil é um desafio que abracei e sempre o farei em alteridade com meus alunos. Aprendo muito sendo professor e pesquisador em sala de aula. Por isso, agradeço a todos os meus alunos por suas contribuições em minha vida. Agradeço à Capes, pelo fomento importantíssimo para o desenvolvimento deste projeto. Tudo parecia um sonho para um aluno como eu, que sempre estudou em escola pública. Agradeço também ao departamento de educação da UFF, que me fez lembrar que tenho que lutar pelas coisas que quero a todo momento.

Algumas tardes passei no Instituto Benjamim Constant e não seria possível esse trabalho sem esse encontro, com alteridade visual e, assim, mergulho no universo de outras sensibilidades. Agradeço aos professores e em especial à Valéria Aljan e alunos do IBC, que me receberam com tanta disponibilidade.

Também agradeço a atenção dispensada pela Casa do Índio, que nos abriu as portas com tanta generosidade, principalmente na figura ímpar de Eunice Cariri e, finalmente, às informações cruciais passadas pelo MPF-RJ representado pela da antropóloga Maria Betânia.

Agradeço a minha família pela paciência, e também pela falta dela, em momentos importantes de minha vida. Vejo como uma vitória para esta família que vê a formação de seu primeiro mestre. Nem todos tiveram a oportunidade que tive.

Aos amigos, aos amigos de uma vida inteira, aos que fazem parte do meu presente e aos que virão. Esse mestrado não se concretizaria sem vocês. Um viva à amizade!

SUMÁRIO

ÍNDICE DE SIGLAS E ABREVIATURAS	VII
ÍNDICE DE FIGURAS	VII
RESUMO	IX
RÉSUMÉ	X
INTRODUÇÃO	1
A CEGUEIRA QUE ME ILUMINA	1
CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	4
1.1 PRIMEIRO DUPLO: NO TRÂNSITO ENTRE A VISUALIDADE E A CEGUEIRA	5
1.2 SEGUNDO DUPLO: O TRÂNSITO DA ALTERIDADE EM O “SER GUARANI” E O “SER ÍNDIO”	7
1.3 TERCEIRO DUPLO: TERRITORIEDADE E SUBJETIVIDADE	11
1.4 O QUARTO DUPLO: DIÁLOGOS ENTRE BAKHTIN E MERLEAU-PONTY	16
CAPÍTULO 2 – A CONSTRUÇÃO DOS PASSOS METODOLÓGICOS	24
2.1 A OPÇÃO POR UM ESTUDO DE CASO	24
2.2 A PRODUÇÃO DE UMA HISTÓRIA GUARANI: VANDERLEI	25
2.3 UM GUARANI POLIFÔNICO: O RECORTE DAS “VOZES”	27
2.3.1 VOZES E ALTERIDADE NO INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT	28
2.3.2 VOZES E ALTERIDADE NA CASA DO ÍNDIO	30
2.3.3 VOZES E ALTERIDADE NA FAMÍLIA E NA ALDEIA GUARANI MBYA	31
2.3.4 VOZES E ALTERIDADE COM AS LINGUAGENS ESTÉTICAS	32
CAPÍTULO 3 – TRABALHO DE CAMPO	34
3.1 A VOZ DO IBC	34
3.2 A VOZ DA CASA DO ÍNDIO	41
3.3 A VOZ DA FAMÍLIA E DA ALDEIA GUARANI	46
3.4 A VOZ DAS LINGUAGENS ESTÉTICAS	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	63
ANEXOS	67

ÍNDICE DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Deasi	Departamento de Assistência à Saúde Indígena
DV	Deficiente Visual
IBC	Instituto Benjamim Constant
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
FUNASA	Fundação Nacional de Saúde
MPF/RJ	Ministério Público Federal do Rio de Janeiro
Leio/UFF	Laboratório de Estudos de Imagem e Olhar
UFF	Universidade Federal Fluminense

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 01...	Almoço na Associação do cegos de Brasília	p 01
Figura 02	Fachada do IBC	p 29
Figura 03	Fachada da Casa do Índio	p 31
Figura 04	Refeitório do IBC	p 36
Figura 05	Vanderlei examinando a agenda de um celular	p 36 e 43
Figura 06	Sala de entrada da Casa do Índio	p 40
Figura 07	Cartazes da Casa do Índio	p 41
Figura 08	Cartazes da Casa do Índio	p 41
Figura 09	Vanderley com seus parentes	p 47
Figura 10	Vanderley com seus parentes	p 47
Figura 11	Índios da aldeia de Missiones	p 48
Figura 12	Índios da aldeia de Missiones	p 48
Figura 13	Vanderlei em festa junina	p 52
Figura 14	IBC na cor Amarela	p 52
Figura 15	IBC na cor Rosa	p 52
Figura 16	Vanderlei mostrando livro tátil	p 53
Figura 17	Vanderlei dançando	p 55

RESUMO

A partir do campo de confluência de Linguagem, Subjetividade e Cultura numa perspectiva sociointeracionista e de uma atitude fenomenológica, este trabalho investiga a produção do sujeito com baixa visão a partir de seu pertencimento a um território e seu engendramento na linguagem, considerando como pesquisa de campo o estudo de caso de jovem guarani albino que, retirado da aldeia com três anos de idade, vive hoje entre a Casa do Índio e o Instituto Benjamin Constant, ambos no Rio de Janeiro.

Palavras-chave: alteridade, território, sujeito, guarani e baixa visão

RÉSUMÉ

A partir du domaine de la confluence entre Langage, Subjectivité et Culture, selon une perspective socio-interactionniste et une attitude phénoménologique, cet essai a pour objectif l'investigation de la production du sujet chez les individus à vision basse, considérés sa relation d'appartenance au territoire et l'engendrement du langage. On a choisi comme objet de recherche le cas d'un jeune 'guarani' albinos qui a été séparé de son groupe ethnique à l'âge de trois ans et vit aujourd'hui partagé entre la Casa do Índio et l'Instituto Benjamin Constant, les deux situés à Rio de Janeiro.

Mots-clés : altérité, territoire, sujet, guarani e vision basse

INTRODUÇÃO

A cegueira que me ilumina

Por uma Geografia Nova. Esse foi o começo de toda uma preocupação que me levou ao desenvolvimento deste trabalho. Foi conhecendo as ideias do geógrafo Milton Santos que nasceu em mim o desejo de pensar o mundo a partir do olhar geográfico e das práticas educativas. Depois de alguns anos ligados à prática teatral, resolvi lançar-me no campo acadêmico da Geografia e da Educação.

Após o ingresso na Universidade de Brasília (UnB), comecei a dedicar-me ao pensamento geográfico. Assim, pensar o território, o sujeito, as subjetividades inseridas nessa relação, passa a ser uma de minhas principais preocupações. Quase que de imediato, também acabo dedicando-me mais ao curso de Licenciatura, concomitante ao de Bacharel em Geografia.

Desde o segundo semestre de meu curso, torno-me monitor de algumas disciplinas e começo a auxiliar no planejamento das aulas de meus professores. É dessa forma que inicio meu ingresso no ofício de professor.

Essas experiências foram fundamentais para minha compreensão sobre aprendizado e cognição. Notava que os alunos não se interessavam da mesma forma e não internalizavam o conhecimento ao mesmo tempo. Claro que, neste momento, ainda nada conhecia de Bakhtin ou Vigotsky.

Por outro lado, antes de entrar para a UnB conheci em um curso preparatório dois amigos que foram muito importantes nessa caminhada: Fernando e Francinaldo (foto 01), ambos cegos. Comecei a estudar com eles. Sempre precisava adaptar alguma forma/conteúdo para conseguir me fazer entender. Isso acontecia em todas as disciplinas, embora Física e Geografia fossem especialmente mais complicadas. A Geografia, em especial, que para mim era muito lúdica, com seus gráficos e sentido de direção, era, para meus amigos, de difícil apreensão, por conta da prática de recorrer à mapas visuais e da ênfase dada à noção espacial.

Naqueles momentos de convívio comecei a notar que meus amigos aparentemente haviam expandido, pela falta da visão, os outros sentidos do corpo, ou por suas próprias vivências ou a partir de práticas educacionais especiais. Nesse sentido, o processo de aprendizagem era recíproco, pois também não conseguia internalizar alguns conteúdos justamente por falta de uma maior sensibilidade, que não estava necessariamente na visão. Como a maior parte das pessoas que enxergam, eu atrelava meu processo cognitivo especificamente à visão. Desde então, um mundo novo abriu-se para mim, cheio de novos desafios e reflexões.

A experiência com meus amigos cegos, e depois com outros cegos ou portadores de baixa visão, foi responsável por despertar em mim o interesse por novas questões, me levando a definir meu projeto de trabalho dentro do campo híbrido entre a Geografia e a Educação. Mais tarde, me tornei um professor já preocupado com as diferentes linguagens que precisava trabalhar em sala de aula. Formei-me um professor inclusivo, não porque fosse politicamente correto ou por uma pressão de mercado, mas sim por não ver aprendizado fora da alteridade, do reconhecimento do outro.

Sendo a escola parte da sociedade, ela media alguns de seus anseios, de suas prioridades. Assim, ela tem influência sobre os sujeitos que a compõe como, estes se comportam um em relação ao outro, qual seu papel dentro de uma coletividade. Para muitos, o papel da escola é ensinar disciplinas como Geografia, História, Matemática... Entretanto, mais do que isso, ela nos ensina que o homem é um ser cultural, um ser que se constrói na alteridade, com o outro.

Na escola, o aluno aprende, antes de tudo, como se relacionar com seus colegas de classe, com o professor, com a merendeira, com o bedel, e inscreve essas práticas de relacionamento na sua produção como sujeito. Imagine: o menino sai de casa pela primeira vez sozinho para ir comprar pão na padaria para sua mãe. Pede o pão, paga, conta o troco. Que vitória! Do menino, da escola, do professor e da Educação Matemática. E, ainda, quando viajamos para uma região desconhecida e percebemos esse local não apenas como uma localidade inserida num mapa físico-geográfico, mas sim por sua dinâmica social, cultural e ambiental. Mais uma vitória! Agora, sobretudo, das disciplinas de História e Geografia, vistas como mediadoras na alteridade e na dialogia.

Os exemplos mostram que o educando pode, potencialmente, apreender como a Educação Matemática lhe possibilita realizar tarefas cotidianas e a Geografia ser mais do que localização física. Entretanto, para o educando portador de necessidades especiais, a apreensão desses conteúdos exige uma abordagem também especial por parte do educador. Compreendendo os professores como mediadores do ensino, nota-se como é importante sua preparação para atender às necessidades especiais dos alunos em sala de aula.

A partir do campo da Linguagem, numa perspectiva sociointeracionista e de uma atitude fenomenológica, este trabalho investiga a produção do sujeito com baixa visão a partir de seu pertencimento a um território e seu engendramento na linguagem, considerando como pesquisa de campo o estudo de caso de jovem guarani albino que, retirado da aldeia com três anos de idade, vive hoje entre a Casa do Índio e o Instituto Benjamin Constant (IBC), ambos no Rio de Janeiro.

A pesquisa é exposta em três capítulos. No capítulo um é apresentada a fundamentação teórica, dividida em duplos, onde são apresentados conceitos sobre visualidade e cegueira, baixa visão, ser guarani, territorialidade e uma proposta de diálogo entre Bakhtin e Merleau-Ponty.

No capítulo dois é apresentada a metodologia da pesquisa e explicitadas as escolhas feitas para o estudo enquanto fontes, documentos, depoimentos, relatórios, fotografias, outros estudos, laudos e como serão analisados. Apresento o estudo de caso com o jovem índio guarani albino que possui baixa visão, seu pertencimento original a território cultural guarani e seu trânsito numa cultura não índia. Finalmente, dividimos a análise documental em quatro “vozes” bakhtinianas que “falam” no índio guarani Vanderlei, sendo intuito deste trabalho identificar o papel dessas vozes na produção do sujeito Vanderlei e o sentimento de pertencimento aos vários territórios em que transita.

Por fim, no capítulo três é exposta a pesquisa de campo e desenvolvidas as quatro vozes referidas no capítulo dois: a do IBC, a da Casa do Índio, a da família e a das linguagens estéticas, todas analisadas pelos duplos conceituais.

Capítulo 1 – Fundamentação teórica

Este estudo tem sua matriz em duas influências teóricas: uma bakhtiniana e outra merleau-pontyniana. O esforço teórico feito neste trabalho foi identificar conceitos de Bakhtin e de Merleau-Ponty dentro de uma transversalidade em algumas de suas obras que nos permitisse a construção de nosso objeto a partir de três duplos conceituais.

Primeiramente, foi necessário buscar uma abordagem mais sistematizada das concepções de cegueira e de baixa visão. É importante ressaltar que foi feita a escolha por um estudo de caso de um sujeito com baixa visão. Entende-se neste trabalho que essa seria uma complexidade importante pelo seu aspecto de uma possível dupla entrada cognitiva. O baixa visão, ao mesmo tempo em que lê o mundo a partir da linguagem visual, também o faz sem ela. Este é um marco do trabalho que chamaremos de primeiro duplo e que irá tratar diretamente de como esse sujeito se produz a partir das entradas de linguagens apoiadas na visualidade e na cegueira.

O segundo duplo do trabalho irá se apoiar na identidade cultural do sujeito da pesquisa. Nosso estudo de caso pertence à etnia Guarani, subgrupo Mbya, e desde os quatro anos de idade foi criado dentro de instituições como hospitais em São Paulo, a Casa do Índio – RJ e o Instituto Benjamin Constant. Nosso segundo duplo constrói-se a partir de um trânsito: ser Guarani ou ser índio?

O presente estudo está situado em um campo teórico da educação que trata de linguagem e de sua importância na construção do sujeito e do território. O terceiro duplo aborda a subjetividade e a territorialidade. A que território Vanderlei pertence? Um território de marcos subjetivos Guaranis ou Juruá¹? Será um território marcado pelas instituições onde o nosso estudo de caso vive? Em determinado momento o sujeito de nossa pesquisa está na Casa do Índio, em outro, no Instituto Benjamin Constant. Assim, o terceiro duplo investiga a relação de pertencimento de Vanderlei em referência a esses diferentes territórios.

¹ Originalmente, na fala Guarani o termo juruá significava boca peluda. Hoje o termo é mais abrangente e significa como o homem não-índio é chamado pelos Guaranis.

Nossa matriz teórica apoia-se no diálogo entre dois autores: Bakhtin e Merleau-Ponty². Assim, esse trabalho está sistematizado para entendimento do leitor em três duplos conceituais e pelo diálogo entre duas correntes teóricas que vão corroborar para a formação da base do meu trabalho de pesquisa.

1.1 Primeiro Duplo: no trânsito entre a visualidade e a cegueira

O primeiro duplo está dentro do campo da linguagem. A partir do olhar SE constrói um mundo simbólico, pleno de signos. Essas imagens que são das paisagens que vemos, da TV, dos *outdoors*, das embalagens de produtos vendidos pela propaganda não constituem o concreto, mas que tendem a produzir subjetividades.

Da mesma forma que elaboramos o mundo, que lemos o mundo a partir dos signos visuais, também é possível ler esse mundo sem a imagem resultado da visualidade. Assim faz o cego, construindo seu mapa mental, produzindo-se enquanto sujeito, elaborando seu território a partir de outros códigos que não o visual. Este trabalho propõe refletir sobre a construção do sujeito com baixa visão. É um esforço de reflexão sobre sua maneira de estar no mundo, seus significados e suas manifestações: alteridade mediada pelas linguagens, engendrada nas relações do sujeito na escola, na família, na cultura, no território.

Segundo pesquisadores, o sujeito com visão subnormal ou baixa visão produz-se a partir de duas entradas cognitivas: uma visual e outra tátil. Assim, ele produz-se como uma pessoa cega e também como um “vidente”³. Para conceituar cegueira, visão subnormal ou baixa visão, adotamos as definições do Instituto Benjamim Constant (IBC). De acordo com o professor Antonio Menescal,

a delimitação do grupamento de deficientes visuais, cegos e portadores de visão subnormal, se dá por duas escalas oftalmológicas: acuidade visual, aquilo que se enxerga a determinada distância e campo visual, a amplitude da área alcançada pela visão⁴.

² Este diálogo apresenta-se originalmente em CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael (*Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 1998) e em HERRICK, T (FARACO C. A.; Tezza C.; Castro G.. (Org.). *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis: Vozes, 2006).

³ ALMEIDA, M. G. S., 2008.

⁴ MENESCAL, A., 2008.

Existe uma complexidade muito grande quando falamos de deficiência visual. Não é possível abordar o tema de maneira homogênea, como se estivéssemos tratando de um uma única forma de cegueira, aplicada a todos os outros casos. Do ponto de vista da saúde,

em 1966 a Organização Mundial de Saúde (OMS) registrou 66 diferentes definições de cegueira, utilizadas para fins estatísticos em diversos países. Para simplificar o assunto, um grupo de estudos sobre a Prevenção da Cegueira da OMS, em 1972, propôs normas para a definição de cegueira e para uniformizar as anotações dos valores de acuidade visual com finalidades estatísticas⁵.

É importante ressaltar que neste trabalho não faremos uma pesquisa detalhada sobre a questão clínica da visualidade, a saúde dos olhos e suas principais características. Daremos, sim, um maior foco ao campo da produção de subjetividade na deficiência visual.

Pedagogicamente, delimita-se como cego aquele que, mesmo possuindo visão subnormal, necessita de instrução em Braille (sistema de escrita por pontos em relevo) e como portador de visão subnormal aquele que lê tipos impressos ampliados ou com o auxílio de potentes recursos ópticos⁶.

Do ponto de vista educacional, a cegueira é considerada desde a perda da projeção de luz até a ausência total dessa percepção. O processo de aprendizagem dá-se pela integração dos sentidos: tátil, auditivo, olfativo, sinestésico⁷. Por sua vez, a baixa visão ou visão subnormal é intermediária entre a visão normal e a cegueira⁸.

Uma pessoa com baixa visão ou visão subnormal é aquela que possui um comprometimento do seu funcionamento visual, mesmo após tratamento clínico e/ou correção óptica e apresenta uma acuidade visual no melhor olho, entre 6/18 a percepção luminosa, ou um campo visual inferior a 10 graus do seu ponto de fixação, e que usa ou é potencialmente capaz de utilizar a visão para planejar e/ou executar uma tarefa⁹.

A baixa visão, também conhecida como visão subnormal, não é cegueira. A baixa visão começa aos 20/60, ou seja, uma visão pelo menos três vezes pior do que a normal. Portadores de baixa visão são muitas vezes identificados pela necessidade de aproximação

⁵ CONDE, A. J. M., 2008.

⁶ Idem.

⁷ BRUNO, M. M., 1997, p. 07

⁸ HADDAD, M.; SAMPAIO, M.; KARA-JOSÉ, N., 2001, p. 09

⁹ VEIZTMAN, S., 2000, p. 08

máxima do objeto que querem enxergar. A baixa visão e a cegueira, congênita ou adquirida, não são impeditivas para o desenvolvimento cognitivo de uma criança ¹⁰.

Estas pessoas, na visão para perto, confrontam-se com enormes dificuldades nas atividades que exigem uma visão de detalhe, como por exemplo, a leitura de um livro, dos preços de bens de consumo ou da carta de um restaurante. No caso da visão para longe, as dificuldades ocorrem, por exemplo, quando é necessário ler a placa informativa de um autocarro ou do nome de uma rua ou as legendas de um filme. (..Por exemplo, um aluno com reduzida acuidade visual pode melhorar a sua eficiência visual na leitura se tiver capacidade física específica para manipular ajudas ópticas ou se aumentarmos o tamanho dos caracteres. Qualquer intervenção educativa requer, por isso, uma avaliação rigorosa que permita perceber como é que determinado aluno utiliza a visão. ¹¹

No campo cognitivo do sujeito com visão subnormal, para que ocorra o processo de aprendizagem, os pais e os professores precisam estar atentos, estimulando o desenvolvimento complementar de outros sentidos. É errôneo o pensamento de que o desenvolvimento seja automático por parte do deficiente visual em relação aos outros sentidos. Não é porque uma criança possui deficiência visual que terá mais acuidade da audição ou maior habilidade tátil.

1.2 Segundo Duplo: o trânsito da alteridade em o “ser Guarani” e o “ser Índio”

O segundo duplo está inserido dentro do campo da cultura. O sujeito em estudo é Guarani-Mbya ou genericamente um índio dissolvido no pertencimento étnico a uma denominação genérica e indeterminada. Como esse sujeito produz-se em alteridade? Roque Laraia observa que a cultura é seletiva, explora “determinadas possibilidades e limites ao desenvolvimento, para o qual as forças decisivas estão na própria cultura e na história da cultura” ¹². Para Laraia, “as diferenças existentes entre os homens não podem ser explicadas em termos das limitações que lhes são impostas pelo seu aparato biológico ou pelo seu meio ambiente” ¹³.

¹⁰ VEIZTMAN, S., 2000, p. 01.

¹¹ Site Toda Biologia. *Albinismo*. Disponível em <www.todabiologia.com/genetica/albinismo.htm>. Acessado em 10 junho de 2008.

¹² LARAIA, R., 2001, p. 25.

¹³ Idem, p. 29.

Na perspectiva do conceito de cultura, será mais apropriada para este trabalho, a proposta de Geertz:

O conceito de cultura que eu defendo, [...] é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.¹⁴

Este estudo fundamenta-se nas teias de significado que apontam para uma “interculturalidade pela sua condição de articular fronteiras culturais e sujeitos coletivos”¹⁵. O conceito de interculturalidade possibilita uma compreensão da desigualdade social e de formação de sujeitos diante de uma lógica diversificada de pertencimentos.

Compreender o meio tradicional exige entender o próprio pensamento indígena onde o mito tem o poder de fundamentar um modelo de saberes e de condutas. Entender-se a presença da floresta como uma forma de desenvolver a personalidade e obter meios de prestígio. É só no contato com a natureza que a vida espiritual expressa comunicação e convicção. As sagradas palavras ordenam-se no tekoa (aldeia), nos rituais religiosos realizados diariamente na casa de rezas, na comunicação simbólica fundada na troca e reciprocidade.¹⁶

Nesta interculturalidade, entendida como alteridade étnica, na reciprocidade, no encontro dos sujeitos, originados em culturas distintas, acontece um encontro de culturas mediado pelo trânsito de significados, de palavras, de semântica, entre línguas e na linguagem engendradas em relações sociais de Guaranis e de não-índios.

Formulamos para a cultura alheia novas perguntas que ela não havia ainda se colocado, buscamos sua resposta às nossas perguntas e a cultura alheia nos responde revelando-nos seus novos aspectos, suas novas possibilidades de sentido. Sem formularmos nossas próprias perguntas não podemos compreender criativamente nada que seja outro e alheio (claro que as perguntas devem ser sérias e autênticas). Em um encontro dialógico, as duas culturas não se fundem, nem se mesclam, cada uma conserva sua unidade e sua totalidade aberta, porém ambas se enriquecem mutuamente.¹⁷

A pesquisa aqui desenvolvida torna-se um movimento em relação ao outro, com o objetivo de tentar compreendê-lo. Essa relação é apontada por Marília Amorim no encontro entre a pesquisa e a alteridade. A pesquisa objetiva-se a partir da visão do outro,

¹⁴ GEERTZ, C., 1973, p 15.

¹⁵ GODOY, M. G. G., 2007.

¹⁶ GODOY, M. G. G., 2008.

¹⁷ BAKHTIN, M., 2000, p. 352.

que significa trocar o objeto de estudo e em seu lugar colocar o sujeito. O sujeito passa a ser encarado como objeto científico. Transformar o sujeito social num objeto científico seria, então, encará-lo como esse “Outro” que precisa ser interpretado. Segundo Amorim, “isso implica na escuta da alteridade, aquilo que eu percebo diferente no “Outro”, na possibilidade de tradução de alteridade e na transmissão de alteridade”¹⁸.

Pode-se então notar que é na diferença que está a questão fundamental para construção do conhecimento pesquisado. Assim, ir de encontro ao outro é também ir desarmado de nossas verdades, de preconceitos. Para compreender o outro é necessário, segundo Amorim, assumir a compreensão não como lugar de transparência e saturação do sentido, mas como lugar de mediação¹⁹.

[...] devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de retomado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele.²⁰

Esse é um lugar de exotopia. O pesquisador aqui não se coloca no lugar do sujeito e sim no seu próprio lugar e faz suas escolhas. O meu olhar sobre o outro nunca coincide com o olhar que ele tem sobre si mesmo. O trabalho do pesquisador é assumir o lugar do olhar do sujeito para depois assumir o seu próprio lugar e assim dizer o que vejo do que ele vê.

esse lugar exterior permite [...] que se veja do sujeito algo que o próprio sujeito nunca pode ver e, por isso, na origem do conceito de exotopia está a idéia de dom, de doação: é dando ao sujeito um outro sentido, uma outra configuração, que o pesquisador, assim como o artista, dá de seu lugar, isto é, dá aquilo que somente de sua posição, e portanto com seus valores, é possível enxergar.²¹

A contribuição de Maria Inês Ladeira, Pissolato e de Clastres torna-se imprescindível para este trabalho. É intenção do estudo trazer o olhar Guarani e sua alteridade.

O Guarani tem entre suas formas de atenção para o bem estar do corpo e do que entende como alma²² a utilização de rezas e palavras divinas e é nessa maneira discursiva

¹⁸ AMORIM, M., 2004, p. 26.

¹⁹ Idem, p. 48.

²⁰ BAKHTIN, M., 1997, p. 23.

²¹ AMORIM, M., 2002.

²² Os Guarani Mbyá admitem a existência de três almas, duas boas e uma ruim. Para Schaden (*Aspectos*

que os mais velhos aconselham os mais jovens da comunidade. Helena Clastres aponta uma importante contribuição sobre a reza, a linguagem e as palavras proferidas pelos Guaranis,

as belas palavras são as palavras sagradas e verdadeiras que só os profetas sabem proferir, são a linguagem comum a homem e deuses; palavras que o profeta diz aos deuses ou, o que dá no mesmo, que os deuses dirigem a quem sabe ouvi-los. Ayvu porã, a bela linguagem (é assim que os mbyá designam o conjunto das suas tradições sagradas), é com efeito a que falam os deuses, a única também que apreciam ouvir. Sua especificidade é marcada por um vocabulário que lhe é próprio: certo número de termos que encontramos nos ayvu porã e que traduzem noções abstratas (completude, força espiritual e outros) nunca são empregados na linguagem corrente e não possuem equivalente nesta; seu sentido e uso são exclusivamente religiosos. Além disso, para nomear certo número de objetos, a bela linguagem utiliza sempre metáforas e não termos que designam correntemente estes objetos. Assim, a fumaça do tabaco é a “bruma mortal”, “esqueleto da bruma” é o cachimbo, “florzinha do arco”, a flecha, “o que os vossos dedos afloram” é a expressão adotada pelos deuses para o trabalho da plantação. Diferente do registro cotidiano, que se limita a designar as coisas, só a bela linguagem as nomeia.²³

É o ato de transmitir mensagens e juntamente com a forma de receber e transmitir que dá autenticidade às divinas palavras, “que as torna eternas, quando transmitidas (ayvu monhendu) e atualizadas através das gerações e nos diversos lugares vividos, vão compondo o sistema de tradição com transmissão oral de conhecimentos e valores Guarani.”²⁴

A relação do guarani com o mundo não é uma casualidade e por isso uma relação com o meio ambiente também é feita a partir de uma vivência daquele ser único com o território.

Estar no mundo não é uma casualidade para os Guaranis. É uma determinação originada em Nhaderu retã de onde, ao serem enviadas a terra, as almas já trazem um modo de ser/estar no mundo, atualizado pelas palavras. Assim, os princípios e as regras que definem cultura são perfeitos como o lugar da sua concepção e, portanto, não são questionados, mesmo quando transgredidos. Cada um, no mundo imperfeito (yvy vai), deve desenvolvê-los, conservando as estruturas da terra e cuidando das relações no mundo, como condição de estar.²⁵

fundamentais da cultura guarani. 3ª ed. São Paulo: Editora Pedagógica/Edusp, 1974, p. 115), ñeë é parte integrante do indivíduo e asede das almas, é o corpo todo. Não existe para o Guarani o conceito cristão de alma, que será julgada de acordo com a conduta do indivíduo.

²³ CLASTRES, H., 1978, p. 86-87.

²⁴ LADEIRA, M. I., 2007, p. 33.

²⁵ LADEIRA, M. I., 1996, p. 131.

Os Guarani Mbya além de sua linguagem cotidiana (ayvu), preservam a linguagem destinada a rito, extremamente elaborada (ayvu porá), que podemos traduzir por “belas palavras”. Essas palavras aparecem nos rituais, nas bocas dos que dirigem espiritualmente a aldeia e só são pronunciadas em momentos especiais. Em uma abordagem sobre a língua e a importância da palavra entre os Guarani, Bartolomeu Melià expressa que

a arte da palavra é a arte da vida. Assim como alma e palavra possuem o mesmo significado, o portador de uma alma (nhee) estrutura sua vida para ser “suporte e fundamento de palavras verdadeiras”²⁶

1.3 Terceiro Duplo: territorialidade e subjetividade

Nosso terceiro duplo propõe desvendarmos se a percepção de território por nosso sujeito tem mais marcos subjetivos Guarani ou não índio. A que território Vanderlei tem maior pertencimento?. Espacialmente e como alteridade, Vanderlei transita entre a Casa do Índio e o IBC. Como Vanderlei percebe os territórios onde transita e se produz? Essas são algumas perguntas que podem ser feitas para entendermos as subjetividades que formam o território de nosso sujeito.

Claude Raffestin, foi um dos primeiros autores a abordar o conceito de território. Importante o destaque na sua obra pelo caráter político do território, e também o caráter preexistente do espaço como conceito geográfico. Para ele, o território está inserido no espaço.²⁷

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente [...] o ator “territorializa” o espaço.²⁸

De acordo com Raffestin, ao apropriar-se de um espaço, concreta ou abstratamente, o ator, entendido neste trabalho como o sujeito, territorializa o espaço. Assim, entende-se o território como sendo:

[...] um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por conseqüência, revela relações marcadas pelo poder. (...) o território se apóia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção a

²⁶ MELIÀ apud LADEIRA, M. I., 2007, p. 136.

²⁷ RAFFESTIN, C., 1993.

²⁸ Idem, p. 143.

partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder [...].²⁹

Para Raffestin, o território é construído a partir de relações altamente marcadas pelo poder. Assim, para ele, faz-se necessário enfatizar uma categoria essencial para a compreensão do território, que é o poder exercido por pessoas ou grupos sem o qual não se define o território.³⁰

Para Manuel Correa de Andrade, espaço e território são dimensões bem diferentes. O território é ligado à ideia de integração nacional, de uma área que seja ocupada pela população, pela economia, a produção, o comércio, os transportes, a fiscalização etc. As relações capitalistas só se fazem presentes no território, enquanto o espaço é mais geral, ocupando áreas que ainda não se territorializaram.³¹

O conceito de território não deve ser confundido com o de espaço ou de lugar, estando muito ligado à ideia de domínio ou de gestão de uma determinada área. Deste modo, o território está associado à ideia de poder, de controle, quer se faça referência ao poder público, estatal, quer ao poder das grandes empresas que estendem os seus tentáculos por grandes áreas territoriais, ignorando as fronteiras políticas.³²

Rogério Haesbaert analisa o território com diferentes enfoques, elaborando uma classificação em que se verificam três vertentes básicas: jurídico-política, segundo a qual “o território é visto como um espaço delimitado e controlado sobre o qual se exerce um determinado poder, especialmente o de caráter estatal”; cultural(ista), que “prioriza dimensões simbólicas e mais subjetivas, o território visto fundamentalmente como produto da apropriação feita através do imaginário e/ou identidade social sobre o espaço”; econômica, “que destaca a desterritorialização em sua perspectiva material, como produto espacial do embate entre classes sociais e da relação capital-trabalho”³³. Neste trabalho será utilizada a segunda abordagem de Haesbaert, que tem seu foco no aspecto cultural: apropriação simbólica e subjetiva do território pelo sujeito.

A conceituação mais complexa e também que mais corrobora para este trabalho vem de Milton Santos, maior nome da geografia brasileira, ao refletir quanto à importância de se estudar o território. Ele o faz com o intuito de provocar o leitor a se questionar e,

²⁹ Idem, p. 144.

³⁰ RAFFESTIN, C., 1993, p. 144.

³¹ ANDRADE, M. C., 1995.

³² Idem, p. 19.

³³ SPOSITO, E. S., 2004, p. 18.

assim, evidenciar a maior importância de uma base territorial, pois é nela que se configura o espaço.³⁴

Segundo Santos, “o território é configurado segundo uma análise histórica e é desta forma que se organizam suas configurações econômicas, políticas e sociais.”³⁵ É o uso do território, e não o território em si mesmo, que o faz objeto da análise social. Assim, Santos utiliza o espaço como uma variável, que partindo de uma revisão histórica constante, carrega elementos quantitativos e qualitativos.

O que nos interessa é o fato de que cada momento histórico, cada elemento muda seu papel e a sua posição no sistema temporal e no sistema espacial e, a cada momento, o valor de cada qual deve ser tomado da sua relação com os demais elementos e com o todo.³⁶

De acordo com Adélia M., para Milton Santos “é a partir da dinâmica dos lugares que pensamos a utilização do território.”³⁷ E sempre teremos um acontecer solidário no lugar. Solidariedades que definiram os usos e geram valores de natureza culturais, antropológicas, econômicas, sociais, financeiras e tantas outras. Mas as solidariedades pressupõem coexistências, logo pressupõem o espaço geográfico.

Território é representação, é signo, sendo o espaço representado e apropriado uma das formas de apreensão discursiva do espaço. Mas essa apreensão não é feita de qualquer forma. Quando falamos de território, temos que falar sobre a abordagem política do espaço, além de outras dimensões, como a administrativa, a cultural, a social, a econômica, a demográfica. Principalmente, temos que falar do sujeito e do seu pertencimento em relação ao território. O território é o espaço apropriado pelo sujeito e nele há o controle individual ou coletivo, marcado pelo pertencimento, portanto, indissociável das categorias de domínio e de poder³⁸.

“Territorialidade”, segundo Roberto Sack, “abrange noções correlativas, indissociáveis, e isto se deriva em noções várias de adjacência, continuidade, contigüidade, descontinuidade e alteridade.”³⁹ É como representação social do espaço que vemos o

³⁴ SANTOS, M., 2002.

³⁵ SANTOS, M., 1985, p. 09.

³⁶ Idem, p. 09.

³⁷ SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. de; SILVEIRA, M. L. (org.), 2002, p. 37.

³⁸ SACK, R. D., 1986, p. 46.

³⁹ Idem, p. 46.

território, e ele está fixado e vinculado a entidades sociológicas, unidades políticas, órgãos de administração, e à ação e existência de sujeitos individuais e coletivos.

Não há território sem sujeito de apropriação e pertencimento. Sendo assim, não há território sem o outro. É sempre no outro que o “eu” reconhece-se e sempre localizado em um território. E, quando não temos o outro para o diálogo, reduzimo-nos e remetemo-nos ao território do nosso corpo, mas que está repleto de uma polifonia. Assim, quando achamos que nos reduzimos ao nosso próprio corpo, não o fazemos. O território externo também se reproduz em mim. É por isso que o território e também o corpo têm esse caráter de denúncia sobre o que somos, como todo discurso, como toda narrativa ⁴⁰.

É possível notar uma rede entre os enunciados e o território, com um processo dialógico entre enunciados e também com o território, que é polifônico. Os sujeitos selecionam as características do território aos quais atribuem significação para uma situação em comum. O enunciado, em seu percurso, em seu retorno reflexivo, oferecerá uma imagem do território ocupado pelo sujeito.

A proximidade com o cotidiano de pessoas que exploram e percebem o território que os cerca, sem disporem da visão, convida à reflexão. Desperta no pesquisador vidente, interrogações sobre as formas de perceber o mundo daqueles que utilizam caminhos perceptivos diferentes dos que lhe são habituais.

Para compreender a pessoa com deficiência visual e sua maneira de se relacionar com o território, necessário faz-se considerar suas estruturas de percepção e de cognição, que vivenciam ao mesmo tempo generalidade e especificidade além do dialogismo e da polifonia. Assim, a criança que nunca enxergou tende a ter uma experiência diferente daquela que passou a não enxergar aos dois anos ou aos cinco anos. E, ainda, a percepção de um deficiente visual também não será exatamente igual a de outro.

Ao definir o corpo como um espaço possível e valorizando a ação individual, estamos definindo e respeitando o espaço corporal. Assim, é registrada no corpo a noção simbólica de construção espacial muito importante para a percepção do deficiente visual. ⁴¹ De acordo com Merleau-Ponty, “o espaço não é o ambiente (real ou lógico) em que as

⁴⁰ SACK, R. D., 1986, p. 50.

⁴¹ Pedagogicamente, é também assim que alguns referenciais, como: dentro, fora, sair, entrar, engolir e expelir, passam a ser internalizadas pelo deficiente visual.

coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível”⁴². E tudo isso é apreendido pelo corpo, sendo o território parte do espaço. Será também o corpo responsável pela dimensão territorial do DV.

Para o Guarani-Mbya, sua sustentabilidade depende do uso do território. É o território o responsável pela interação sociocultural e econômica dos membros da comunidade. E assim, essa coletividade indígena necessita de um espaço amplo o suficiente para que possam exercer as atividades econômicas tradicionais que são passadas historicamente de geração a geração. Segundo Melià citado por Ladeira,

[...] os locais onde os Guarani formam seus assentamentos familiares são identificados como tekoa. Teko, segundo Montoya, significa modo de ser, de estar, sistema, lei, cultura, norma, comportamento, costume. Tekoa seria o lugar onde existem as condições de se exercer o "modo de ser guarani". Para que os Mbya possam exercer o seu "modo de ser" e seus intercâmbios entre os diversos tekoa, é preciso que estes apresentem, em conjunto, algumas constantes ambientais e sociais. O espaço ocupado pelos Mbya deve ter água pura, terra para plantar, montes. O estado da mata indica se há variedade de animais e dos pássaros. Para os Mbya a existência da diversidade das espécies é significativa da qualidade e da propriedade do tekoa⁴³.

A ocupação do território tem uma dinâmica diretamente ligada às relações de parentesco, sendo esta a base de sustentação da sociedade Guarani, daí sua constante mobilidade de uma aldeia para outra. O sistema de reciprocidade envolve famílias de diferentes aldeias, pois uma unidade familiar precisa estabelecer vínculos de parentesco e de reciprocidade para manter o elo territorial.

De acordo com Ladeira, “os Guarani mantêm precisa e vividamente o contorno de seu território tradicional por meio da distribuição de várias aldeias em seu interior, superando os limites físicos das aldeias e das trilhas.”⁴⁴ Suas aldeias estão e se mantêm dispersas e a sua ampla extensão geográfica produziu novos modos de resistência e, de certa forma, impossibilitou o seu total controle, devido à ocupação discreta das aldeias formadas por pequenos grupos familiares. O domínio de um amplo território pelos Guarani ocorre por dinâmicas sociais e políticas e dos movimentos migratórios realizados, ainda hoje, por famílias do subgrupo mbya.

⁴² MERLEAU-PONTY, M., 1984, p. 328.

⁴³ LADEIRA, M. I., 1996, p. 21-22.

⁴⁴ LADEIRA; M. I., 2007, p. 36.

Penso que para os Guarani, a noção de território está associada à noção de mundo e, portanto, vinculada a um espaço geográfico onde desenvolvem relações que definem um modo de ser, um modo de vida.. Assim, se o conceito de território implica limites físicos (permanentes ou temporários), o espaço, como categoria, pressupõe outros limites definidos por princípios éticos e de valores que condizem com a visão de mundo dos homens e de suas sociedades.⁴⁵

O território Guarani, que hoje engloba regiões do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai, se firma como uma grande rede de parentes, pensamentos, conhecimentos, interpretações e estratégias. É um território que tem movimento próprio e não apenas em termos de deslocamentos, mas igualmente de transformações, elaborações, atualizações. Lembrando Santos, “o território só se torna um conceito utilizável para análise social quando o consideramos a partir de seu uso, incluindo todos os atores”⁴⁶.

1.4 O Quarto Duplo: diálogos entre Bakhtin e Merleau-Ponty

Para Bakhtin, o homem é *construído* de sua existência e é a partir das indicações socioeconômicas objetivas que ele participa da sociedade. Este homem só faz-se presente como membro de um grupo social quando pertencente a uma classe social. Assim, como indivíduo, ascende a uma realidade histórica e participa de uma produção cultural. O simples nascimento de uma criança não é suficiente para que se insira na história. “[...] é necessário um segundo nascimento, um nascimento social. Não se nasce organismo biológico abstrato, mas camponês ou aristocrata, proletário ou burguês [...]”⁴⁷. Assim, a ligação do homem à vida e à cultura se dá por meio da realidade social e histórica.

Partimos do princípio bakhtiniano de que o sujeito se faz ‘na’ e ‘pela’ linguagem⁴⁸. A linguagem ocupa um papel central no pensamento de Bakhtin, pois ela faz a ligação entre o sujeito e os outros (dialogismo): “Bakhtin concebe a outridade como o fundamento de toda a existência e o diálogo como a estrutura primacial de qualquer existência particular, representando uma constante troca entre o que já é e o que não é ainda”⁴⁹. A linguagem é um instrumento de concepção do mundo, mas sua função de deduzir esse

⁴⁵ LADEIRA, M. I., 2007, p. 97.

⁴⁶ SANTOS, M., 2000, p. 42.

⁴⁷ BAKHTIN, M., 1997, p. 34.

⁴⁸ Idem, p. 65.

⁴⁹ CLARK, K.; HOLQUIST, M., 1998, p. 91.

mundo não se esgota naquilo que pode ser obtido a partir de uma análise dos significados do que as palavras representam.

Estamos atentos para o fato de que as palavras lexicais precisam ter um sentido, ser signo para serem compreendidas. Os signos são materiais e imateriais e, dado que não pode existir consciência humana sem signos, Bakhtin promove, com a sua teoria da linguagem, uma ciência da própria consciência:

Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. E a própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social.⁵⁰

A consciência não é um algo fechado dentro do sujeito e apartado das relações sociais. Pelo contrário, a consciência é o intercâmbio ativo, material, semiótico, do sujeito com outros sujeitos e, tal como a linguagem, se produz simultaneamente de dentro para fora e de fora para dentro no sujeito.

Ao pensar o sujeito em Bakhtin e suas implicações no campo da deficiência visual, lembrando também que o sujeito se faz ‘na’ e ‘pela’ linguagem, deve-se ter em mente que o processo cognitivo do deficiente visual, assim como a produção desse sujeito, depende da internalização de linguagens. Então, é de importância ímpar que se possibilite a todas as pessoas, independentemente de serem videntes ou não, a possibilidade de “ler o mundo”. Para isso, é necessário o uso de linguagens específicas para construção dos signos e produção dos sujeitos.

Um dos conceitos fundamentais em Bakhtin é o “dialogismo”, que tem como característica a concepção do mundo feita a partir das muitas vozes que participam do diálogo. Podemos então dizer que a unidade de mundo em Bakhtin é “polifônica”.

Em cada voz ele conseguia ouvir duas vozes em discussão, em cada expressão via uma fratura e a prontidão para se converter em outra expressão oposta [...] percebia a profunda ambivalência e a pluralidade de cada fenômeno.⁵¹

⁵⁰ BAKHTIN, M., 1997, p. 34.

⁵¹ Idem, p. 31.

O conceito bakhtiniano de polifonia não se reduz somente à presença de diferentes vozes, mas à relação de diálogo entre elas. A relação de contradição é outro aspecto que constitui a polifonia em Bakhtin. A simples presença de várias vozes não é satisfatória para constituição de uma polifonia, fazendo-se necessárias, por meio do diálogo, visões contraditórias.

Este trabalho considera as vozes participantes do diálogo como fundamentais para a visão de mundo e para a produção do sujeito. Para se entender o pensamento de Bakhtin é imprescindível que façamos uma imersão num mundo permeado por relações dialógicas, no qual o sujeito constitui-se na alteridade, sempre na relação com o outro. Então, para a construção do “eu”, a linguagem só é percebida a partir do dialogismo ⁵². Portanto, o sujeito de Bakhtin constitui-se na e através da interação e reproduz na sua fala e na sua prática o seu contexto imediato e social. Bakhtin aponta que “a consciência individual não só nada pode explicar, mas, ao contrário, deve ela própria ser explicada a partir do meio ideológico e social. A consciência individual é um fato sócio ideológico” ⁵³.

Para entendermos Bakhtin temos que considerar como princípio a interação verbal e seu caráter dialógico e polifônico. Assim, temos uma abordagem histórica e a linguagem vista como um fenômeno social e ideológico. A comunicação verbal jamais poderá ser compreendida, senão dentro desta abordagem. A linguagem tem um caráter flexível, que varia de acordo com os signos e seu valor ideológico ⁵⁴.

Ter um destinatário dirigir-se a alguém, é uma particularidade constitutiva do enunciado, sem a qual não há, e não poderia haver enunciado. ⁵⁵

O enunciado é sempre uma resposta ao enunciado anterior. O “um” sempre tem uma relação não só com o objeto da enunciação, mas também com o enunciado dos outros. Qualquer enunciado sempre está à espera de uma resposta, quer dizer, uma atitude responsiva do outro. Assim, a intenção enunciativa é sempre mediada pelos outros ⁵⁶.

Os enunciados não são indiferentes um dos outros e nem auto-suficientes, conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos que lhe determinam o caráter. O enunciado está repleto de

⁵² BAKHTIN, M., 1997, p. 34.

⁵³ Idem, p. 35.

⁵⁴ Idem, p. 37.

⁵⁵ Idem, p. 96.

⁵⁶ Idem, p. 98.

ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunidade verbal.⁵⁷

A enunciação é mais um conceito de Bakhtin que reforça o caráter dialógico na produção do sujeito, que ressalta o enunciado sempre tendo um outro enunciado responsivo. Para Bakhtin, todo discurso humano é uma rede complexa de interrelações dialógicas com outros enunciados⁵⁸.

A constituição do sujeito acontece no fluxo ininterrupto da linguagem, no qual as enunciações representam mais que um agrupamento de palavras. As palavras que formam nosso vocabulário são sentenças repletas de valor ideológico que apresentam uma relação dialética com a infraestrutura material da sociedade em que vivemos. Os signos refletem e refratam a realidade social. São criados de acordo com seu valor na sociedade de cada época, pois apenas se estiverem relacionados às condições sócio-econômicas do grupo, entram no seu horizonte social e desencadeiam uma reação semiótico-ideológica.⁵⁹

É na relação com outros sujeitos que o homem cria a consciência de seu presente inacabado e, assim, segue sempre se completando e se percebendo diferente na alteridade. Entretanto, a própria consciência se vê incompleta em contato com uma outra que para ela é completa. Assim, insere-se mais um novo conceito em Bakhtin, a “exotopia”, que é a capacidade do outro observar de fora, de um lugar a mim externo, a partir do qual eu nunca me verei, permitindo uma internalização única sobre mim, que é o excedente de visão.

Devo assumir o horizonte concreto desse outro, tal como ele o vive. Faltará, nesse horizonte, toda uma série de fatos que só são acessíveis a partir do lugar onde estou; assim, aquele que sofre só terá, de sua expressividade, uma percepção parcial que ele, por sinal, só conhecerá através da linguagem de suas sensações internas: ele não vê a dolorosa tensão dos seus músculos, o finito plástico de seu corpo, a expressão dolorosa de seu rosto, e não vê o céu azul contra o qual se desenha para mim sua imagem externa marcada de dor.⁶⁰

Entende-se como excedente de visão o que é possível ver do lugar que ocupo. Ou seja, é a possibilidade de completar o horizonte do eu a partir de um lugar externo que só um outro pode ocupar. Retorna-se, assim, ao conceito de alteridade, em ver com o olhar do outro, e com uma consciência inacabada.

O excedente da minha visão contém em germe a forma acabada do outro, cujo desabrochar requer que eu lhe complete o horizonte sem lhe tirar a originalidade. Devo identificar-me com o outro e ver o mundo através de

⁵⁷ BAKHTIN, M., 2000, p. 317.

⁵⁸ Idem, p. 318

⁵⁹ BAKHTIN, M., 1997, p. 97.

⁶⁰ BAKHTIN, M., 2000, p. 45.

seu sistema de valores, tal como ele o vê; devo colocar-me em seu lugar, e depois, de volta ao meu lugar, completar seu horizonte com tudo o que se descobre do lugar que ocupo, fora dele; devo emoldurá-lo, criar-lhe um ambiente que o acabe, mediante o excedente de minha visão, de meu saber, de meu desejo e de meu sentimento.⁶¹

As essências não existem separadas das coisas. E a Fenomenologia é a epistemologia das essências, recolocando-as na existência. Não há significação fora do significado. Para, Husserl, a Fenomenologia é “um retorno às coisas mesmas”. Sendo assim, todo ato de consciência refere-se a algo que não ela mesma e todo ser concebível só pode sê-lo na medida em que se apresenta a uma consciência. Dentro da noção de intencionalidade em Husserl, nasce, dessa via de mão dupla, o que ele chamou de “a priori de correlação”. Husserl vincula a consciência à coisa. Não há consciência “esvaziada”, não há o em si da consciência⁶².

Fenomenologia é a ciência das essências, é a ciência do vivido e vivências são as maneiras de o fenômeno se manifestar. E ela nasce rompendo com o paradigma positivista, pois este não dava mais conta de explicar todas as dimensões, interpretações sobre o mundo. As transformações sociais e a necessidade de produzir ações mais concretas, onde teoria e prática se unam, têm norteado a busca por processos metodológicos para a pesquisa e para a ação⁶³.

Merleau-Ponty nos alerta para o processo de transformação mundial e o anseio constante em reaprender a ver esse mundo. Ele percebeu o caráter inacabado da fenomenologia, como Husserl também já havia percebido. Mas Merleau-Ponty reconhece a forma inacabada da Fenomenologia não como uma insegurança e, sim, como um reconhecimento para suas grandes possibilidades de interpretação do mundo, uma vez que o positivismo não dava mais conta de explicar as complexidades do mundo contemporâneo⁶⁴. A noção de consciência em Merleau-Ponty não é a de uma consciência isolada. Ela é crítica da ideia de que sou produto de uma única coisa. Para adquiri-la se faz necessário vivenciar o mundo e o outro.

Vive-se hoje em um mundo marcado pelas consequências de uma globalização absolutamente excludente, decorrência de uma política neoliberal e determinista economicamente. A Fenomenologia procura caminhar em sentido inverso ao do discurso

⁶¹ BAKHTIN, M., 2000, p. 45.

⁶² HUSSERL, E., 1990, p. 22.

⁶³ Idem, p. 03.

⁶⁴ MERLEAU-PONTY, M., 1984, p. 137.

positivista que, por vezes, corrobora para a manutenção dessa política. O discurso de racionalidade da ciência moderna constituiu-se a partir da revolução científica do século XVI e foi mantido nos séculos seguintes sob o domínio das ciências naturais. É preciso reconhecer o papel da globalização nesse cenário e, em especial, os seus desdobramentos, nos campos da cultura e da comunicação, que vão interferir diretamente na produção de subjetividades cada vez mais fluidas, num permanente processo de produção do sujeito ⁶⁵:

A ciência pós-moderna, ao sensocomunizar-se, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, mas entende que, tal como o conhecimento se deve traduzir em auto-conhecimento, o desenvolvimento tecnológico deve traduzir-se em sabedoria de vida. É esta que assinala os marcos da prudência à nossa aventura científica. A prudência é a insegurança assumida e controlada. Tal como Descartes, no limiar da ciência moderna, exerceu a dúvida em vez de a sofrer, nós, no limiar da ciência pós-moderna, devemos exercer a insegurança em vez de a sofrer. ⁶⁶

Merleau-Ponty recorre ao gesto para esclarecer a comunicação pela palavra. Ele busca no corpo a compreensão da linguagem. Segundo ele, há um mesmo modo de apreensão sensível na base da compreensão da fala e do gesto corporal. Então, é possível internalizar o significado da palavra assim como se apreende o sentido de um gesto, ambos como um processo de linguagem ⁶⁷.

Nossa pesquisa realiza um esforço de aproximação entre alguns conceitos de Bakhtin com os conceitos fenomenológicos de corpo e de consciência em Merleau-Ponty. A produção do sujeito é constituída pelo diálogo entre tempo e espaço. E é na ação e no corpo deste sujeito que está a sua percepção de mundo. Portanto, a mediação entre o sujeito e o mundo, essas duas realidades ontológicas, se dará pela responsividade ⁶⁸. A existência será sempre coexistência; o ser se define a partir do Outro; conhecer é um ato compartilhado.

Na fenomenologia bakhtiniana dos sentidos, o mais importante é o que eu posso ver e não o que é negado à minha vista pela lei da localização. Do lugar único que eu ocupo na existência há coisas que só eu posso enxergar: a faixa distintiva de mundo que somente a mim é dado perceber é um excedente do (meu) ver, onde o excesso é definido em relação à

⁶⁵ BARBERO, J. M., 2003, p. 299.

⁶⁶ SOUSA SANTOS, B., 1988, p. 45.

⁶⁷ MERLEAU-PONTY, M., 1984, p. 167.

⁶⁸ CLARK, K.; HOLQUIST, M., 1998, p. 101.

falta que todos os outros têm daquele mundo moldado exclusivamente por mim.⁶⁹

O corpo, para Bakhtin e Merleau-Ponty, é tomado como uma construção social, e não somente como uma entidade biológica:

É de suma importância o lugar singular que o corpo ocupa como valor em relação ao sujeito em um mundo singular, concreto. Meu corpo, em seu fundamento, é um corpo interior; o corpo do outro, em seu fundamento, é um corpo exterior.⁷⁰

O corpo é, por excelência, uma realidade discursiva e, portanto, imaginária. Uma diversidade de discursos que se produzem e produzimos sobre nossos corpos. “O ser humano, através da visão, tem a possibilidade de identificar objetos, além de distinguir cores, formas, tamanhos e distâncias. Para Hall, “a distância faz parte de um dos sistemas de coordenadas na relação de nosso corpo com outros corpos e objetos”.⁷¹ De acordo com Merleau-Ponty, “o espaço não é o ambiente (real ou lógico) em que as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível”⁷². Assim tudo é internalizado pelo corpo e é por sua relação consigo mesmo que apreende o mundo e externaliza com gestos corporais.

As pessoas cegas, assim como as videntes, não constroem sozinhas o esquema corporal. No jovem cego congênito, além da necessidade do toque corporal, há também a necessidade de diálogo verbal com os pais, sobre o esquema corporal e a imagem do seu corpo. Contudo, conforme Telford & Sawrey (1988), se este diálogo verbal não for bem esclarecido, devido à perda de elementos da comunicação não-verbal (posturas, gestos e expressões faciais), a imagem do corpo do cego congênito poderá ficar deturpada, influenciando no seu movimento⁷³.

Para Passarelli, “um modo semelhante ao da fenomenologia do corpo, Bakhtin descreve sobre a relação do sujeito com o seu corpo físico, com vistas a demonstrar como se configura a forma espacial da personagem.”⁷⁴

Minha imagem externa, isto é, todos os elementos expressivos do meu corpo, sem exceção, é vivenciada de dentro por mim: é apenas sob a forma de extratos, de fragmentos dispersos, que se agitam nas cordas da auto-sensação interna; minha imagem externa chega ao campo dos meus sentimentos externos, antes de tudo da visão, mas os dados de tais

⁶⁹ CLARK, K.; HOLQUIST, M., 1998, p. 95-96.

⁷⁰ BAKHTIN, M., 2003, p. 64.

⁷¹ Haal,, <http://www.abc.gov.br/?itemid=106>

⁷² MERLEAU-PONTY, M., 1984, p. 328.

⁷³ INSTITUTO BENJAMIM CONSTANT, 2008.

⁷⁴ PASSARELLI, A. F., 2007, p. 28.

sentimentos não são a última instância nem para decidir se esse corpo é meu; só a nossa auto-sensação resolve a questão.⁷⁵

Então de acordo com Passarelli, a imagem do corpo não é como a percepção que temos das imagens externas de um objeto. “Esses são percebidos como um todo externo, objetos inteiros, ao passo que o corpo, ou sua expressividade externa, é um objeto ao qual minha visão tem um acesso limitado e parcial”.⁷⁶

⁷⁵ BAKHTIN, M., 2003, p. 26.

⁷⁶ PASSARELLI, A. F., 2007, p. 31.

Capítulo 2 – A construção dos passos metodológicos

2.1 A opção por um estudo de caso

Os indivíduos cegos ou com baixa visão são desafiados por um mundo altamente midiático e lúdico à reorganizar o seu sistema cognitivo para atuar como sujeitos neste mundo. Outros sentidos para além da visão tendem a ser mais utilizados como a audição, o tato e o olfato e assim, teremos novos estímulos cognitivos que, podem promover alteridade e pelas linguagens, a produção do sujeito.

Nossa pesquisa utiliza como fontes diversos documentos como pontos de partida para a identificação dos discursos e das vozes bakhtianas. A pesquisa documental abrangeu uma coleta de dados, envolvendo diagnósticos médicos, fotos, filmes, laudos antropológicos, relatórios de pesquisa, notícias, jornais e conversas com diferentes sujeitos participantes da outridade que produzem as vozes que falam no índio Guarani Vanderlei.

O Estudo de Caso é escolhido neste trabalho como estratégia de pesquisa para buscar a menor distância entre o objeto da pesquisa e seu pesquisador. Estabelecido o foco principal das investigações, as decisões foram tomadas para que não houvesse uma perda em relação ao que realmente queremos estudar.

As conversas constituíram a principal fonte pesquisa.. Trata-se de relato verbal de diferentes sujeitos envolvidos com o Estudo de Caso. As gravações e transcrições desses relatos foram recortados para fins de análise..Além dos instrumentos enunciados para a pesquisa, nós utilizaremos como método a observação participante; muito utilizada com base numa atitude fenomenológica, que toma por base a atuação dos membros leigos de um grupo e não só a observação dos cientistas em separado do grupo.⁷⁷

[...] a heterogeneidade e a individualidade do cotidiano exigem outras dimensões ordenadoras. Impõem forçosamente o reconhecimento de sujeitos que incorporam e objetivam, a seu modo, práticas e saberes dos quais se apropriaram em diferentes momentos e contextos de vida, depositários que são de uma história acumulada durante séculos.⁷⁸

⁷⁷ Não se trata de construir a posteriori os dados observados [...] e, sim, dados qualitativos e vividos pelos sujeitos, podendo recorrer à pesquisa aberta, que registram livremente as observações (COPALBO, CREUSA. *Fenomenologia e educação*. Fórum Educacional, Rio de Janeiro, 1990, v. 14, n. 3, jun/ago, p. 52).

⁷⁸ EZPELETA, J.; ROCKWELL, E., 1986, p. 28.

A observação participante permite ao pesquisador, que está inserido no contexto, "olhar" para o processo de apropriação de conhecimento dos vários segmentos que participam do ambiente da pesquisa, o que significa analisar a existência cotidiana como história acumulada; buscar, no seu presente, os elementos para conhecermos o sujeito como ele é. Essa abordagem da pesquisa permite que o pesquisador mantenha contato pessoal e estreito com o fenômeno pesquisado.⁷⁹

Como se dá o contato do pesquisador com o local de sua pesquisa? Muitas vezes é difícil a entrada em escolas, instituições, setores quase sempre muito fechados a função desveladora de uma pesquisa. Como observa Ezpeleta: “ registrar tudo o que não vê. Não é fácil. Sabíamos de antemão que registrar “tudo” não seria possível, mas nós sabíamos como isso iria ampliar a margem de nossa visão, alargando os limites da seleção.” Por isso é de fundamental valor selecionar o foco da observação.

Desenvolvendo-se atividades cotidianas com o deficiente visual, observamos como os seus referenciais internos determinam suas ações e, ao mesmo tempo, como ele apropria-se dos referenciais dos videntes ou dos cegos. É muito importante compreender o sujeito deficiente visual a partir dos seus próprios referenciais, uma vez que os estudos geralmente enfatizam as comparações entre estes e os videntes, partindo dos referenciais da visualidade. Nosso desafio está na compreensão da alteridade.compreendendo o sujeito de etnia guarani a partir de referencias guaranis.

2.2 A produção de uma história guarani: Vanderlei

Vanderlei nasceu em 1992 na Reserva Indígena Guarani de Rio da Silveira. Pertence à etnia Guarani em seu subgrupo mbya. A reserva está situada no estado de São Paulo, no município de Bertioga. Logo após seu nascimento, foi constatado por seus pais que se tratava de um índio diferente, de pele clara, cabelos claros, enfim, albino. Não acostumada com a condição de seu filho, sua mãe, a índia Jamim Jaxuka, possivelmente achando que pudesse torná-lo como os demais, expôs ao sol causando-lhe queimaduras de 1º, 2º, 3º graus, fazendo com que a FUNAI e o Ministério Público Federal intercedessem e o retirassem da aldeia, hospitalizando-o.

⁷⁹ EZPELETA, J.; ROCKWELL, E., 1986.

Por duas vezes foi hospitalizado com queimaduras em razão de sua exposição excessiva ao sol. Acolhido pela instituição infantil de amparo à pacientes indígenas, no RJ, está sendo acompanhado pelo Ministério Público Federal desde 1997. Essa situação fez com que um casal não-índio o quisesse adotar. Assim, criou-se um debate na imprensa e na sociedade em geral questionando se a criança guarani poderia ou não ser adotado por esta família ⁸⁰.

O casal não indígena tentou uma ação de destituição de pátrio poder e sua adoção, uma vez que julgavam que o menino tinha sido abandonado por sua mãe e por sua aldeia. O Ministério Público Federal posicionou-se após o debate público por via de um laudo antropológico afirmando que o índio deveria ficar com sua família. Entretanto, também sugeria que, mesmo de forma provisória, ele deveria ficar em tratamento médico na Casa de Amparo à Saúde Indígena do Rio de Janeiro, que o acolhe desde 1995 ⁸¹.

Atualmente, em 2009, Vanderlei., com dezesseis anos, “transita entre sua comunidade tradicional (aldeia guarani em Bertioga), casa de amparo indígena e escola não-indígena especial, no Rio de Janeiro”.⁸² Este trânsito proporciona-lhe um entendimento complexo no pertencimento a um território, sendo ele o território de cultura indígena ou o território de cultura Juruá, (não-índio).

Desde então, o índio guarani Vanderlei encontra-se em tratamento médico na Casa do Índio, situada no estado do Rio de Janeiro, por encaminhamento de sua comunidade de origem, a aldeia guarani de Rio da Silveira, e do Ministério Público Federal (MPF). A Casa do Índio é uma instituição que recebe índios de várias etnias com problemas de saúde e é mantida pela Fundação Nacional do Índio FUNAI e Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), como recursos financeiros e com mantimentos.

Nesta pesquisa de mestrado, vinculada ao campo de confluência “Linguagem, Subjetividade e Cultura” “tem seu ponto de partida no reconhecimento da linguagem como mediação na produção das relações humanas” ⁸³. Nesse contexto, o entendimento do trânsito feito por Vanderlei entre as etnias diferentes, faz-se na alteridade “mediada pela

⁸⁰ Jornal Nacional, 31/01/1996 e 02/02/1996, TV GLOBO; TJ Brasil, 13/04/1996, SBT; Jornal CBN, 19/04/1996, CBN; Jornal Bandeirantes, 19/04/1996, TV Bandeirantes.

⁸¹ DUARTE, M. B., 1996.

⁸² BARROS, A. M.; DUARTE, M. B. P. G., 2008.

⁸³ Idem, p. 01.

linguagem na materialidade das falas de Vanderlei e seus interlocutores, configurando “vozes” que falam na produção de nosso sujeito estudado”⁸⁴.

2.3 Um guarani polifônico: o recorte das “vozes”

Toda polifonia presente em Vanderlei é parte deste trabalho. Vozes bakhtinianas que falam em todo o trajeto de Vanderlei em seu trânsito cotidiano. Ele é interno durante a semana no IBC e estabelece um maior contato com a cultura dita branca, elaborando nos seus processos de linguagem segundo um indivíduo com baixa-visão. Nos fins de semana, ele retorna para a Casa do Índio, onde tem um contato com outros índios de muitas etnias.

Sendo Guarani, ele teria uma compreensão de território e pertencimento a partir da cultura de seu grupo m’bya. Entretanto, Vanderlei foi criado dentro de instituições a partir dos cinco anos de idade. Ora ele encontra-se na Casa do Índio, ora ele está no IBC. Como índio guarani, albino e não morador de uma aldeia, transita entre comunidades semânticas indígena e não índia. Essa duplicidade está no sujeito e em toda polifonia nele presente, em todas as vozes que falam nele.

Como baixa-visão, Vanderlei tem uma estimulação cognitiva a partir de uma linguagem não visual, mas também tem uma estimulação com referências visuais. Podemos assim cogitar a produção de subjetividade pensando uma dupla alteridade. Ele percebe o Outro, tanto como cego quanto como vidente (com o auxílio de instrumentos como lupa, óculos especiais e olhando muito de perto).

Metodologicamente, a análise orientou-se para uma intertextualidade dos discursos baseados em Mikhail Bakhtin, procurando-se constituir um campo discursivo dialógico marcado pela relação de alteridade pesquisador e seu “outro”, isto é, o interlocutor do pesquisador, aquele “a quem” ele se dirige em situação de campo e “de quem” ele fala em seu texto⁸⁵.

Como em Marília Amorim, reconhecemos as vozes e os silêncios e escutar as outras vozes que podem ou não falar em Vanderlei. Assim, perguntamos: podemos recolher a voz de alguém separada do sujeito? Ou o que recolhemos é a nossa interpretação

⁸⁴ BARROS, A. M.; DUARTE, M. B. P. G., 2008.

⁸⁵ AMORIM, M., 2004.

dessas vozes? São as representações que nós mesmos fazemos daquilo que observamos, analisamos? Nesse sentido, a pesquisa foi um movimento em direção ao outro, na intenção de tentar compreendê-lo.

O que indagamos nesse não é a baixa visão em si mas como eu a percebo ou como ela é percebida. As definições denotam uma percepção de si, do outro e do mundo e "aderem ao meu corpo como a túnica de Nessus" ⁸⁶

Nossa observação foi cada vez mais concentrada no outro, tentando olhar tudo e para tudo com um olhar exotópico. Esse é o nosso excedente de visão, no tempo e no espaço, que dá sentido estético à consciência do outro, dando forma e acabamento, uma forma e um acabamento que jamais podemos ter por conta própria, em nossa voz.

Como já foi dito antes, este trabalho foi feito com um estudo de caso e ainda utilizando a observação participante. Os objetivos traçados e os recortes que feitos estão de acordo com a polifonia existente em Vanderlei. Muitas são as vozes que falam e produzem o sujeito da pesquisa. Então, escolhemos estudar quatro recortes dessas vozes: a família, a Casa do Índio, o IBC e as linguagens estéticas.

2.3.1 Vozes e alteridade no Instituto Benjamin Constant

O início desta pesquisa teve o caráter de observação e reconhecimento da instituição e do sujeito pesquisado acompanhando as ações de extensão do Leio/UFF voltados à construção de narrativas e produção de livros táteis. Nosso objetivo inicial foi aproximarmos o máximo possível de Vanderlei para que então iniciássemos o processo de familiaridade necessária para a pesquisa. Nessa perspectiva, o observador, para Bakhtin, “não se situa em parte alguma fora do mundo observado, e sua observação é parte integrante do objeto observado” ⁸⁷. Ele observa e é parte atuante na realidade que se produz no campo de pesquisa, sua voz se encontra com as vozes dos sujeitos, produzindo novos sentidos para as experiências vividas.

Essa voz é formada pela rede de relações feita no IBC (foto 02), onde Vanderlei permanece ao longo da semana, de segunda a sexta-feira, internado. A voz materializada

⁸⁶ MERLEAU-PONTY, M., 2002, p. 171.

⁸⁷ BAKHTIN, M., 1997, p. 55.

em falas é formada pelos seus amigos do instituto, pelos professores, pelos pesquisadores do Leio/UFF e pelos funcionários. Acompanhamos seu trânsito dentro do instituto a fim de verificar suas relações enunciativas no instituto, no recreio, em suas refeições e atividades pedagógicas ou de pesquisa.

A fim de entendermos melhor a comunidade semântica escolar, passou a ser necessário um estudo mais prolongado, de modo a nos colocar no lugar do outro e, assim, captar suas experiências, no contexto em que elas se elaboram.

É assim que para o artista a criação começa na visão. Ver, isso já é uma operação criadora que exige esforço. Tudo o que vemos na vida diária sofre mais ou menos uma deformação produzida pelos hábitos adquiridos O esforço necessário para se desvencilhar disso exige uma espécie de coragem, e esta coragem é indispensável ao artista, que deve ver todas as coisas como se as estivesse vendo pela primeira vez; é preciso ver toda a vida como quando se era criança; e a perda dessa possibilidade nos retira a de nos exprimirmos de uma maneira original, isto é, pessoal.⁸⁸

Entrar no cotidiano de uma instituição como o IBC para exercitar o olhar sobre as coisas como se as estivesse vendo pela primeira vez, requereu muita atenção, concatenação das ideias e, principalmente, ética. Quando um pesquisador tem nesse exercício a fonte do seu trabalho, é necessário ser, também, um pouco artista. A pesquisa é um movimento em direção ao outro, na intenção de tentar compreendê-lo. Marília Amorim aborda essa questão a partir da relação que se estabelece entre pesquisa e alteridade. Segundo a autora, a pesquisa se instaura a partir de uma visão do outro, o que implica colocar o sujeito no lugar do objeto de estudo. Transformar o sujeito social num objeto científico seria, então, encará-lo como este outro que precisa ser compreendido. Este encontro instaura entre pesquisador e pesquisado uma relação de alteridade fundamental, que emerge de uma diferença de lugar na construção do saber⁸⁹. Segundo Amorim,

isso implica na escuta da alteridade, aquilo que eu percebo de diferente no outro, na possibilidade de tradução da alteridade e na transmissão da alteridade. A diferença se coloca, então, fundamental para a construção do conhecimento. O que eu encontro de produtivo é a diferença. Por isso, ir ao encontro do outro é não só assumi-lo como alguém capaz de produzir diferenças, como também estar desarmado de meus próprios preconceitos para poder influenciá-lo ao mesmo tempo que me deixo influenciar por ele.⁹⁰

⁸⁸ MATISSE, H., 1983.

⁸⁹ AMORIM, M., 2004.

⁹⁰ AMORIM, M., 2004, p. 26.

Acompanharmos Vanderlei em seu ambiente escolar fez parte de um desejo dessa pesquisa. Com o distanciamento necessário para que o fizéssemos com o mínimo de interferência. Vanderlei desenvolve trabalhos educacionais dentro do instituto e esses foram também muito importantes para entendermos a alteridade presente na formação deste sujeito.

Os assuntos abordados com Vanderlei referem-se a sua rotina no IBC e foram feitos em oito encontros com Vanderlei durante o segundo semestre de 2008. De agosto e novembro sempre encontrávamo-nos com ele às 15 horas no pátio do IBC, logo após a visita das alunas do Leio/UFF. Era notado que sempre estava um pouco cansado de algumas atividades e tínhamos uma conversa de 40 minutos à, no máximo uma hora. Nas duas primeiras visitas, dividimos o tempo de campo com meu orientador e as bolsistas de iniciação científica do Leio/UFF. Depois, as visitas foram feitas com Vanderlei em um horário em que toda atenção foi voltada para Vanderlei e também ser foco único de sua atenção.

No IBC também foram feitas conversas com outras três pessoas importantes para pesquisa.. A professora Valéria Aljan, que recebeu Vanderlei no IBC. A segunda professora de Vanderlei no IBC, a professora Maria Alcione Moreira, docente da primeira serie no ano de 2007 e que continuou o trabalho da alfabetizadora, a professora Francisca. Finalmente conversamos com uma instrutora, que observa e zela pelos alunos quando estão fora de suas aulas.

2.3.2 Vozes e alteridade na Casa do Índio

A segunda voz é identificada pelo conjunto discursivo produzido pela alteridade de Vanderlei na Casa do Índio do Rio de Janeiro, situada na ilha do Governador. Considerando que nosso estudo de caso guarani tem um longa trajetória na instituição, foi importante que registrasse e analisássemos as falas que com ele interagem. Na pesquisa, conversamos com a fundadora e diretora Eunice Cariri, à frente da instituição há mais de 40 anos, e de seu filho João Carlos Soriminé, médico psiquiatra da instituição.

A Casa do Índio (foto 03), situada na Ilha do Governador, foi fundada em 1968 e foi a primeira das 40 criadas em todo o país a receber o apoio da Fundação Nacional do

Índio – FUNAI). Hoje ela está vinculada à FUNASA⁹¹. Abriga atualmente 41 pacientes de diferentes etnias, servindo como centro especial para índios de diversas etnias que precisam de tratamento e acompanhamento médico ou apresentam problemas físicos, mentais ou neurológicos que os impossibilitam de viver nas aldeias de origem.

Vanderlei reside numa enfermaria, com aproximadamente 40 índios. Sua rotina na casa aos fins de semana foi indagada junto a ele e aos funcionários, os medicamentos que usava, seus lazer e eventuais viagens.

Importante ressaltar que o pesquisador não sabe, com antecedência, com quem vai falar e, conseqüentemente, quais são suas referências. Quase sempre não é esperado pelo grupo que poderá mostrar-se hostil à intervenção além de muitas vezes, desconhecer as teias de relações que marcam a hierarquia de poder e a estrutura social local. Sendo assim, é importante a observação do discurso dos falantes, como se comportam, o acento dado em determinadas falas, ou mesmo seus momentos de silêncio.

Na pesquisa encontramos uma resistência dos depoentes motivadas possivelmente por uma desconfiança em relação ao trabalho científico. Notamos nas falas dos depoentes um receio de que esse fosse mais um trabalho que busque dessecar o objeto em questão sem a preocupação com o Sujeito. Entretanto, sabíamos desse confronto e, mesmo assim, iríamos trabalhar na alteridade. A constatação desta resistência mostrou o quanto é necessário pensar esse caso dentro de todas as suas nuances.

2.3.3 Vozes e alteridade na família e na aldeia Guarani Mbya

A família Guarani m'bya tem uma estrutura muito diferente da família ocidental que está estruturada em pai, mãe, filhos. Ela, na verdade, engloba todos os parentes próximos, numa denominada “parentela” (jopyguai). Sendo assim, é fator decisivo escutar as vozes da “família guarani” a qual pertence Vanderlei.

Nesse grupo étnico os membros são mais coletivos do que individuais. Por esta razão, não existe lugar para atitudes unilaterais por parte dos membros ou famílias, a não ser aquelas de conformidade coletiva, que é o poder incosteste no viver dos indígenas. Desse modo, os conflitos, inclusive familiares, são resolvidos em reuniões onde são convidados a participar todos os membros da aldeia. Em uma dessas reuniões, a

⁹¹ Site da Fundação Nacional do Índio. Disponível em <www.funai.gov.br>. Acessado em 11/07/2008.

comunidade decidiu que o pajé e sua mulher [seus tios avós] deveriam cuidar de [...] Na sociedade dos não índios, o índio W causará sempre estranheza e curiosidade, devido à sua dupla condição de “exótico” ou seja, por ser índio e albino. Tal situação tende a diluir-se no âmago de uma aldeia indígena, de dimensões menores e população reduzida, em que todos se conhecem e convivem em laços estreitos de cooperação e solidariedade. Na comunidade ele estará protegido de curiosos e sua condição de “diferente” tenderá a ser assimilada por todos como uma característica normal de sua constituição física .⁹²

Buscamos à identificação da voz étnica a partir da fala de Vanderlei, da fala dos professores do IBC, dos pesquisadores do Leio/UFF e dos funcionários da Casa do índio. Como não foi possível para pesquisa a ida até a aldeia de origem de Vanderlei procuramos essas vozes da família e da aldeia em outros sujeitos. Primeiro há uma imersão de nossa parte dentro do universo guarani para compreensão de família em seu contexto étnico, o regime de parentela e as vivências de nosso estudo de caso. Essa imersão foi feita também a partir da literatura existente, atendimento à palestras e uma viagem à Paraty para contato com outros índios guarani mbya.

2.3.4 Vozes e alteridade com as linguagens estéticas

A última das vozes bakhtinianas que definimos foi constituída pelas linguagens estéticas. Assim, fez parte do trabalho perceber produção do sujeito a partir de sua alteridade com diferentes linguagens dando ênfase na música como recurso para pesquisa.

Discutir as possíveis relações entre literatura, artesanato, música e a produção do sujeito exige problematizar como são apreendidas as diferentes linguagens. Sujeitos que passam a ter uma atuação concreta, que apreendem uma linguagem e contam sua história a partir dessa apreensão.

A linguagem estética torna-se importante na perspectiva de educar para alteridade uma vez que a arte deve ser entendida como conhecimento que possui códigos de linguagens que devem ser apropriados pelo sujeito a fim de levá-lo a participar de uma comunidade semântica, seja ela pelo Funk, pela dança guarani, pela cerâmica,.

⁹² DUARTE, M. B., 1996.

Buscamos na pesquisa rastrear as práticas estéticas realizadas por Vanderlei e especialmente a música, estabelecendo com ele uma conversa centrada em seu interesse pelo Funk e que nos obrigou a um conjunto novo e surpreendente de elaborações

Capítulo 3 – Trabalho de campo

3.1 A voz do IBC

Em agosto de 2008, após algumas visitas preliminares para observação e reconhecimento do IBC, chegou o momento do contato direto com Vanderlei. Depois de apresentado por meu orientador, começo a desenvolver um diálogo mais direto. Vanderlei recebeu-me com certo entusiasmo e acredito ser o contato com o novo, pois também sou uma novidade para ele.

Imediatamente, Vanderlei vem em minha direção e dá-me um abraço. Esse abraço parece-me, um simples aperto de mão, o início, pois ainda não tínhamos contato. O toque, o abraço, que para mim é muito íntimo, para Vanderlei, é uma forma de conhecimento, que sempre dirige a todos tocando-os.

Foco minha observação no contato da equipe do Leio/UFF com o Vanderlei. O que primeiro chama minha atenção é o toque entre eles e com outros alunos do IBC. Assim, começo a perceber como a visualidade e a cegueira estão presentes em Vanderlei. Ao mesmo tempo que ele nos lê a partir de seu toque, ele também o faz pela visão, vendo a cor de nossos cabelos, da camisa e dos objetos ao redor.

Essa construção para alguém que já está inserido na discussão sobre cegueira e baixa visão, pode parecer repetitiva ou muito óbvia. Entretanto, para mim, vivenciar esse momento e sentir também a ênfase no tátil foi muito esclarecedor. Começo a abrir-me a novas possibilidades de percepção sensitiva para, assim, poder melhor entender o outro que fala. E esse outro que fala, também fala com o toque, com o corpo e ao mesmo tempo com a visualidade. Tenho que ter o meu corpo também preparado para tentar traduzir essas sensações. Claro que, será muito diferente, pois tenho a visão como recurso sensorial. Mas, é importante ressaltar que posso valer-me também da visão para ver esses movimentos corporais e, assim, poder aproximá-los de minha percepção como vidente.

Olho para o Vanderlei como um ator olharia à procura de seu personagem. Tento desvendar o que nos faz diferentes e o que nos faz iguais. A baixa visão é, neste momento, o que mais me chama a atenção em nossas diferenças. Observo como ele locomove-se, com o seu corpo um pouco arqueado para frente, como se as mãos, ou o próprio corpo,

desvendassem, antes mesmo que seus olhos, a paisagem a ser desvelada. Educar meus olhos é educar minha escuta para diferentes dizeres de meu estudo de caso. Primeiras palavras de Vanderlei dirigidas a mim:

“– Você que é o Bruno? As meninas tinham me falado que você vinha. Você trouxe algo para mim?”⁹³

Digo que naquele momento, não, mas pergunto o que poderia levar para ele e o convido para conversar.

“– Você gosta de estudar Vanderlei? De que matéria você gosta mais?”

“– Matemática, mas tenho dificuldade de contar, de entender como é a tabuada.”

Depois, com um pouco mais de insistência fala-me da dificuldade em acompanhar alguns conteúdos. E isso não poderia ser provocado por sua deficiência visual, pois o IBC é uma escola onde a educação é voltada para pessoas com dificuldade na comunicação visual. Para mim, então, surgia outra indagação: será algum problema cognitivo? Uma dificuldade de aprendizado por outros motivos que não a baixa visão? Em minhas conversas com Vanderlei percebo que ele tem um tempo mais lento no diálogo.

Quando tinha em torno de 4 anos ele fazia aulas com a fonoaudióloga. Pensavam, segundo ele, que não iria conseguir falar, mas ele pensava consigo mesmo que iria falar e hoje ele o fala bem articulado. Vanderlei mudou de turma esse ano (2008, segundo semestre) e um dos motivos foi que lê pediu à coordenadora que trocasse de turma, pois os conteúdos dados estavam sendo acelerados para ele, assim para uma criança que não conseguia falar, e falar pessoalmente com a coordenadora, é um avanço significativo.

Os conteúdos que estão sendo dados em sala de aula são sobre “Capitanias hereditárias” e operações matemáticas como conta de adição. Atualmente está na 4ª série. Na turma antiga (segundo ele) havia muita bagunça, os alunos falavam palavrões, e alguns se referiam diretamente a Vanderlei, assim outro aspecto que pode ter promovido a mudança de turma foi a relação com os alunos de forma conflitante. Na turma atual, Vanderlei tem aula com a professora Cândida, e estuda com os alunos: Camilinha, Camilão, Bárbara e Marandrê.”⁹⁴

Vanderlei teve uma professora, Maria Alcione⁹⁵, que realmente era um diferencial pensando no tempo de maturidade do aprendizado, muito importante para os guaranis⁹⁶, o

⁹³ Conversa com Vanderlei. Quando ele fala das meninas, se refere às bolsistas da pesquisa do Leio/UFF.

⁹⁴ Relatos das bolsistas de iniciação científica do Leio/UFF de 24/09/2008 sobre a pesquisa “Produção de livros táteis”. Armando Barros

⁹⁵ Entretanto, chamamos a atenção para área de atuação da professora em Roraima, onde não tinha contato com o universo guarani, mas com o universo das etnias Yanomame e Macuxi.

Ara Reko.. Lembramos que Vanderlei antes de ser um jovem com baixa visão é também um jovem com origens guarani.

Eu não percebi nenhum problemas no processo de ensino aprendizagem. Ele tinha um tempo lento de aprender, mas era um processo rico. Ele não pegava um trabalho e depois logo após entregava! Assim! Ele fazia com muita calma. A letra um bordado. Geralmente o aluno na idade dele quer se livrar logo do trabalho. Ele apagava...fazia de novo. Era todo um processo que dava resultados positivos, caprichava na escrita, buscando sempre um trabalho perfeito. Ele exigia muito dele próprio.⁹⁷

Vanderlei também estava atento ao seu tempo de aprendizado. A sua professora no primeiro semestre de 2008 , Lilian de Almeida conta-nos que, no segundo semestre de 2008, não satisfeito com o processo didático de sua nova professora, pediu para ser trocado de turma.

“[...] ele cursou com outra professora, que não se adaptou. Foi para uma turma de PB (Programa Diferenciado), porque a professora deixou mesmo ele não fazendo parte [...] ele é muito inteligente. Devido não gostar da professora,infelizmente veio a repetir no PB, a terceira série [...] e no ano passado eu pedi para ele ser puxado de novo para uma classe comum, para ficar comigo., porque tenho o incentivado a fazer com que ele aprenda.”⁹⁸

Peço para que ele fale sobre seu dia no IBC.

“– A gente acorda bem cedo. E Gosto. Depois vamos tomar café e depois vamos pras aulas.”

Ele observa que dorme em um dormitório masculino, fala que estuda de manhã, das 8 horas até as 11:30, toma café no refeitório (foto 04) antes de ir para as aulas, almoça logo após as aulas e durante a tarde tem algumas atividades educacionais (estudo dirigido, educação física e biblioteca) ou brinca com os colegas de instituto. Pergunto sobre o que faz à noite. Ele responde dizendo que não faz nada. Pergunto de novo:

“– Como assim? Nada? Fica parado?” E sorriu com ele.

“– É... vejo televisão... escuto música... e só!”

⁹⁶ Ara Reko significa tempo em língua Guarani. Para os guaranis, existe o tempo de alguns saberes. O tempo da mandioca, da criança, da caça. E o guarani precisa vivenciar o tempo das coisas para real aprendizados (In Barros, A., Castro, R. (org.). *AraReko memória e temporalidade Guarani*. Rio de Janeiro, e-papers, 2005).

⁹⁷ Conversa com a professora Maria Alcione feita em 16/04/2009.

⁹⁸ Entrevista feito pelo Leio/UFF com a professora Lilian Almeida em 27/04/2009.

Pergunto então que tipo de música ele gosta de escutar? E ele me responde com muita rapidez:

“– Funk!”.

Quando nos despedimos, Vanderlei pergunta-me se tenho algum CD de Funk e se posso gravar algum? Digo que sim e que levaria na próxima semana. Busco identificar a alteridade em Vanderlei. com os outros alunos. Em uma conversa com Valéria Aljan, a professora do IBC, conta-me que os outros alunos, principalmente os internos vem de família de periferia do Rio de Janeiro. Assim, posso entender como Vanderlei ampliou seu conhecimento, sabendo que o Funk carioca nasceu nas favelas, nas periferias, esses são os seus maiores divulgadores. Valéria observa que muitos desses pais aproveitam a proximidade do IBC com outras escolas públicas na Urca para matricularem seus outros filhos. Assim, as mães, na maioria das vezes, podem permanecer com seu filho deficiente no IBC e ao longo do dia.

Em nova visita, Vanderlei mal recebeu-me e logo perguntou pelo CD. Agora, ele também tem um foco de interesse em mim: a possibilidade de conseguir CDs de Funk. Estávamos realmente entrando num processo de negociação. Fomos para um lugar mais tranquilo onde pudesse ligar o computador e colocar o CD para tocar. Ele logo examinou a capa olhando bem de perto e conseguiu ler algumas das faixas.(foto 5) E perguntou-me:

“_Esse CD é de Funks velhos, né? Queria um CD com Funk de agora. Você não conhece?”

Assim, começamos a ter uma conversa sobre os Funks do momento. A experiência direta com o Funk neste encontro descrevo no subcapítulo 3.4. Importante ressaltar como a voz do IBC posiciona-se quanto a minha presença e o diálogo com Vanderlei. Decidimos permanecer na parte externa do Instituto, em um lugar bem próximo a cabine de entrada dos carros e onde circulavam muitos funcionários e professores. Percebo que muitas pessoas cumprimentam Vanderlei e algumas aproximam-se e perguntam o que estamos fazendo. Digo que estamos escutando músicas. Um funcionário fala:

“_Mas isso é música? Ehh Vanderlei...tem que parar te escutar essas coisas.

_Oh rapaz...vê se trás umas músicas boas para ele.”

Vanderlei nada fala sobre isso. Entretanto percebo que fica um pouco constrangido com a fala do funcionário, logo o mesmo funcionário interrompe-nos de novo dizendo que ele tem que ir para tomar o seu remédio.

Assim, Vanderlei pede licença para ir embora depois de termos ficado uns 40 minutos conversando. Pergunto se sempre toma seu remédio naquele horário e se poderia voltar na semana que vem um pouco mais cedo. E ele disse que sim: Percebo que Vanderlei tem um tempo um pouco lento para falar e raciocinar em alguns diálogos. Não entende algumas perguntas ou por desconcentração ou não entendimento. Parece estar em outro lugar as vezes. Depois que se afasta, ainda fala para que eu traga outros Funks na semana que vem.

“_Vê se trás um funks novos prá gente.

_Você não concebe baixar uns. Ou agente não consegue remixar?”

Ao pensar a presença de Vanderlei numa escola não índia, considero a alteridade étnica, na reciprocidade do encontro dos sujeitos, mediado pelo trânsito de discurso materializados em diferentes falas, como o das professoras Percebo um dupla exotopia, originada seja no outro caracterizado pelos escolares seus colegas, seja pelos professores. Quando Vanderlei ingressou no IBC foi recebido pela professora Valéria Aljan⁹⁹,

[...] dentro do possível ele tentava interagir. E o mais engraçado que ele começou a interagir a partir do contato. Ele sempre fazia uma coisa muito estranha prá gente. Ele sempre levantava a blusa da gente para ver nosso umbigo. Ele fez isso comigo e levei um susto...mas deixamos um pouco no início. Aí começou a fazer com outras pessoas. Ele tinha uma curiosidade grande em ver como era o umbigo das outras pessoas. Com o tempo fomos conversando com ele que ele não podia fazer sempre isso[...].aí ele foi se modificando.¹⁰⁰

É possível que a ação de mexer no umbigo das pessoas seja expressão da voz de sua identidade guarani a medida que os guarani tem uma forte relação xamânica com o cordão umbilical. Podemos observar uma fala de Vanderlei de qual tipo de informação ele tem sobre a tradição do umbigo.

⁹⁹ Chefe de divisão de capacitação em recursos humanos do IBC.

¹⁰⁰ Conversa com Valéria Aljan no IBC dia 13/04/2009.

- Eles costumam usar o umbigo das pessoas como colar¹⁰¹. Assim do bebê, quando ele nasce, o umbigo vira um colar.¹⁰²

Maria Alcione Moreira, sua professora de primeira série no IBC, teve muitas oportunidades de estar em contato com culturas indígenas. Foi professora em Roraima para as etnias Macuxi e Yanomame. A professora pode dar continuidade ao trabalho da professora Francisca percebeu o tempo de aprendizado diferenciado de Vanderlei. Assim, ela também pode trabalhar a da afirmação da identidade guarani em Vanderlei.¹⁰³

[...]aqui é [no IBC] uma escola especial. Temos que trabalhar em cima de linguagens. E foi possível para mim fazer um trabalho individualizado com Vanderlei. Eu trabalho dentro de uma linha construtivista e conhecia o trabalho que a outra professora Francisca fez antes de mim. E eu dei continuidade. E comigo a nossa troca foi muito boa. Eu ficava com ele em sala durante a manhã E a tarde eu fazia um trabalho individualizado.¹⁰⁴

Vanderlei nunca gostou de ser chamado de índio. Em vários momentos da pesquisa é possível notar essa fala. Faz parte do segundo duplo pensar alteridade dentro de uma lógica diversificada de pertencimentos: ser guarani, pensando uma identidade étnica ou, ser o índio identificado pelos colegas de turma de forma pejorativa, pois genérica.

As crianças mexem muito com ele. Sabe como é criança, né? Transparente. Chamam ele de índio e ele não gosta. Chagava a falar: “-eu não sou índio.” Acho que ele quer ser igual a todos e não um diferente.mas não tinha jeito. As crianças são sempre muito segregadoras e ele ficava de lado no início. Chamavam ele de “índio falso”.¹⁰⁵

Ele também não gostava de ser chamado de índio, ele ficava muito chateado. Assim, eu passei a conversar muito com ele sobre isso , porque ele ficava muito triste. Tentava melhorar a auto-estima dele. Ele não se aceitava como índio, [...] isso foi diluído com o tempo.¹⁰⁶

Em todos os momentos Vanderlei reage ao ser chamado de índio. Ainda que não, aparente desenvolver algum tipo de pertencimento com a identidade de guarani, não

¹⁰¹ Perguntado onde ele havia retirado essa informação, uma vez que esse é um costume guarani, Vanderlei disse que ouvira em uma reportagem. Essa reportagem parece ter um tratamento geral de índio e ao assistir uma reportagem na televisão legitimando uma tradição indígena ele a usa como referência.

¹⁰² Fala de Vanderlei. Relato de pesquisa do Leio/UFF.

¹⁰³ Conversa com Valéria Aljan no IBC dia 13/04/2009.

¹⁰⁴ Conversa com a professora Maria Alcione feita em 16/04/2009.

¹⁰⁵ Conversa com a professora Valéria Aljan feita em 13/04/2009.

¹⁰⁶ Conversa com a professora Maria Alcione feita em 16/04/2009.

notamos Vanderlei reagindo ao ser chamado de “guarani”, mas sim, quando chamavam de índio.

Atualmente Vanderlei estuda com a professora Lilian de Almeida Marques, no quarto ano do ensino fundamental, e que também foi sua professora na terceira série. Ela mostrou-se preocupada com um atraso de Vanderlei em relação a turma.

[...] essa turma é muito tranquila, diferente da do ano passado[2008], eles respeitam bem mais, sempre há aquela implicância, nominho de índio, mas ele está bem melhor nessa questão, aceitando melhor a cultura dele. [...] Van Van está um pouco desanimando, mas eu tento reanimá-lo a medida que eu posso, peço para ele vir aqui a tarde, para ler e alcançar a turma, porque está se atrasando um pouco da turma devido ao uso dos remédios, a cultura.¹⁰⁷

Entretanto, de acordo com a pesquisa do Leio/UFF é notada uma certa implicância dos meninos mais velhos com Vanderlei

[...]Vanderlei cantou com os amigos e dançou funk, os meninos mais velhos passaram a implicar com ele, dizendo que ele dança muito bem o “creu”, mas muito debochados.¹⁰⁸

Outro fato que já foi citado pela professora Lilian é o “tempo lento” de Vanderlei, e que não seria somente causado pela origem guarani e sim de como é tratada sua saúde pelos não-índios. Em muitos momentos identificamos falas sobre as medicações e os possíveis problemas neurológicos de Vanderlei. A professora Alcione relativiza a possibilidade de um problema neurológico maior.

“_O Vanderlei tinha distúrbios de comportamento nos corredores, mas não na sala de aula eu nunca vi nada. Me falavam sempre. Ele nunca não quis fazer os trabalhos.[...] Eu sei que o Vanderlei foi levado ao neurologista e sei que ele utilizava medicações, mas não sei qual. Ele usava para ficar bem. E muitos alunos aqui também tomam. E não sabia especificamente e ele está muito harmonizado. E a professora dele me disse sobre o trabalho atual e eu acho que é um trabalho normal dentro da personalidade do Vanderlei. Eu percebo que o tempo dele é um tempo diferente e que tem que ser respeitado no processo de ensino e aprendizagem¹⁰⁹.”

¹⁰⁷ Entrevista feita pelo Leio/UFF com a professora Lilian Almeida em 27/04/2009.

¹⁰⁸ Pesquisa do Leio/UFF com Vanderlei feita em 08/10/2008.

¹⁰⁹ Conversa com a professora Maria Alcione feita em 16/04/2009.

Vanderlei também fala do uso da medicação com a equipe do Leio/UFF, que percebem em um dia de visita que ele não estava muito bem.

[...]ele disse que toma, o Tegretol, Depacol e Dorical, e esses remédios são dados pelo médico do IBC. Quando ele está na Casa do Índio quem medica são os funcionários. Perguntamos o que ocorre caso ele não tome o medicamento. Ele disse: “dá crise!, para me dá controle!, controlar o sistema nervoso!, se eu não tomar a crise volta! Isso começou em 2006!, daí eu fico irritado, e o coração começa a acelerar!”.¹¹⁰

Neste mesmo dia outras crianças que estão junto com Vanderlei registram o impacto do tratamento medicamentoso sobre aquele círculo de relações:

Uma das meninas fala que Vanderlei fica nervoso, aí os inspetores levam ele [...] que chora muito, e fala que está com o coração doente, e que quando ele está nervoso, pega no pescoço dela, e diz que a enforçará.¹¹¹

Vanderlei, como guarani, antes de sair da aldeia, até os quatro anos esteve na órbita de uma cultura guarani, xamânica, distinta da cultura medicamentosa não-índia.

As doenças são tratadas por duas vias: natural e feitiçaria, ambas decorrentes da ação intencional, que passa a habitar no corpo do indivíduo, a mando de alguém.[...]Doenças de brancos, pois de manifestação com os mesmos sintomas que surgem nos brancos, ex: resfriado, elas freqüentemente incomodam os mbya. [...]Diferença entre doença Juruá e doença guarani é encontrada no diagnóstico (cura xamânica, o xamã cura o que é invisível), e tratadas de forma diferentes, levando até a uma doença espiritual. .¹¹²

3.2 A voz da casa do Índio

Meu foco é o guarani Vanderlei e neste momento, estou procurando a voz da Casa do Índio em sua vida. Se ela é uma voz silenciada, ou mesmo se é a voz dominante na sua constituição com sujeito.. A Casa do Índio serve como centro especial para pacientes de diversas etnias indígenas que precisam de tratamento e acompanhamentos médicos que os impossibilitam tratamento próximo de aldeias de origem.

Em setembro de 2008 visitei (foto 6) a instituição e fui apresentado à diretora e fundadora Eunice Cariri e ao psiquiatra da instituição João Carlos Sorominé. Logo

¹¹⁰ Fala de Vanderlei à pesquisa do Leio/UFF.

¹¹¹ Fala de uma colega do IBC a pesquisa do Leio/UFF.

¹¹² PISSOLATO, E., 2007. p. 235 - 237

colocam em uma mesa grande uma série de papéis cartão (foto em anexo 7 e 8) com colagens de fotos apresentando um histórico da instituição e como está sendo sua manutenção. Assim, muito da história é contada por Eunice Cariri que expressa toda dificuldade de se manter uma instituição como essa, e, que pese os recursos originados na FUNASA e FUNAI para alimentação, transporte e pagamento de pessoal.

É importante ressaltar que um dos índios presente fez questão de me presentear com algo bem simbólico: arco e fecha feitos por ele. Esse é um dos índios que moram na Casa e sofre de uma deficiência cognitiva. A carência de atenção humana daquelas pessoas é algo que fica registrado desde o primeiro contato.

Como apresenta-se a questão da visualidade e da cegueira, o nosso primeiro duplo de análise dentro da Casa do índio? Na conversa, o psiquiatra João nos situa do caso de Vanderlei:

De todas as patologias, as principais são a neurológica e a baixa-visão em função do albinismo. A partir de um trabalho com uma fonoaudióloga, ele apresentou uma melhora muito grande. ...quando o Vanderlei chegou à Casa do Índio não falava nada. E, hoje em dia, essa não é uma patologia que os preocupa. Hoje o Vanderlei fala sobre o que ele precisa.¹¹³

E o que chama a atenção para o comportamento do Vanderlei?

Agora, as coisas que chamam a atenção no comportamento de Vanderlei são uma certa agressividade, uma suposta hiperatividade. E, atenuando as seqüelas que são geradas pelo albinismo, ele teria uma vida bem saudável. Ele tem necessidade de tomar um medicamento para controlar a questão neurológica. “Não é uma coisa ruim que entra dentro dele e faz com que ele faça coisas estranhas. É uma patologia que tem que ser cuidada. Existem na Casa do Índio vários casos diferentes de patologia neurológica. E cada um tem que ser tratado de forma única. O Vanderlei é tratado conforme a patologia que apresenta. Não existe um remédio forte ou fraco. Ele recebe o remédio de que precisa para estar bem.”¹¹⁴

Para o profissional a baixa visão atrapalha muito pouco Vanderlei. para se relacionar com as na Casa do Índio.

Olha, a baixa-visão é um problema menos para ele eu acho. Ele faz muitas coisas aqui. Reconhece os amigos. O Vanderlei não é cego! Ele tem muita habilidade dentro da casa. O maior problema de Vanderlei[...]

¹¹³ Fala do psiquiatra João Sorominé em entrevista em 08/09 2009 na Casa do Índio.

¹¹⁴ Idem.

o que mais entristece o Vanderlei é causado pelo albinismo. Ele tem vontade de sair à vontade....de ir a praia...jogar futebol no sol.¹¹⁵

Podemos notar a apropriação por parte de Vanderlei da visualidade a partir de sua interação com o uso de instrumentos tecnológicos pautados na visualidade. Pode-se notar nas (foto 05) sua interação com o uso da câmera de vídeo e uso do celular. Eunice Cariri quando fala dos fins de semana de Vanderlei na instituição também nos revela alguns hábitos que dão pistas sobre linguagens que o constituem a partir da visualidade.

Olha, o Vanderlei no fim de semana faz muitas coisas aqui. Ele ajuda na Casa, ajuda os outros índios doentes, ele assiste televisão.[...] não assiste tudo que ele quer! Se deixar sabe como é, né? A gente vê as foto de família, o Vanderlei gosta de vê as fotos dele pequeno, na aldeia.¹¹⁶

Eunice Cariri fala com muito carinho sobre Vanderlei. Lembra de sua entrada na Casa do Índio em 1995, como uma criança muito doente e que depois, por força do tratamento e da atenção, foi melhorando o seu quadro.

Quando Vanderlei chegou aqui ele era muito fraquinho, franzino e não falava nada. Ele só emitia uns grunhidos. Não sabia falar nada!E foi só muito depois que ele começou a falar alguma coisa com a ajuda da fonoaudióloga. Era um custo saber o que aquele menino precisava. Ele só apontava e parecia ter medo de falar. Ele com 3 anos parecia um bebe de 11 meses.¹¹⁷

Em nossa análise, feita a partir das tensões que Vanderlei vive ao ser guarani e ser tomado apenas como índio genérico, apresenta-se um gradiente de discurso.. As pessoas pensam no índio de uma forma geral, não levando em consideração as diferenças entre etnias. Quando comemoramos o Dia do índio, qual será a etnia celebrada? Será que os professores e a sociedade, ao colocar um penacho na cabeça de uma criança e pintar seu rosto para festejar tal data, pensam realmente em cultura indígena como etnias singulares?

A Casa do Índio trata de muitos índios de todo Brasil. Na instituição Vanderlei tem contato com muitas outras etnias, onde não existe um acompanhamento pedagógico, como uma “ Pedagoga hospitalar” que o acompanhe valorizando sua cultura indígena guarani.

¹¹⁵ Fala do psiquiatra João Sorominé em entrevista em 08/09 2009 na Casa do Índio.

¹¹⁶ Fala de Eunice Cariri em entrevista em 08/09 2009 na Casa do Índio.

¹¹⁷ Idem.

Como será que Vanderlei se percebe? Como índio? Ou como guarani? Uma fala da professora Maria Alcione do IBC pode nos indicar um caminho.

Eu não tive receio de em ensinar o Vanderlei, já que tinha uma experiência com a questão indígena, apesar das diferenças de etnias. E eu sabia que para trabalhar com ele teria que ficar muito atenta a sua própria etnia.

O Vanderlei pelo que pude observar, é um adolescente mesmo, igual aos nossos alunos. Eu via que lá a personalidade do Yanomame era mais difícil de ensinar E os Macuxis mais ainda!. Acho que os Guaranis tem maior facilidade de adaptação.¹¹⁸

A professora tenta entender o tempo de Vanderlei e suas características guarani. Na Casa do Índio notamos também algumas falas em relação à preocupação étnica.

Existe todo um padrão de pai...mãe...filho...Que é bem diferente dos nossos. Às vezes nós temos dificuldades com escolas e outras instituições que perguntam o tempo todo...Eles não ligam...não se importam para Vanderlei. A questão materna é muito diferente para os índios. Não é igual! Fisiologia sim...hormonal também. Mas culturalmente ele é diferente.¹¹⁹

Observamos na instituição a realização de festas como o natal, festa junina, desfiles no sete de setembro, práticas esta que uniformizam uma educação não-índia, em detrimento das festas singulares a cada etnia não bem elaboradas por não existir profissional voltado a essa prática pedagógica. O guarani, como já foi dito antes, não tem com o mundo uma relação de casualidade. Essa relação com o meio ambiente também é feita a partir de uma vivência daquele ser único com o território. Assim, olhar para Vanderlei a partir do terceiro duplo, de como ele transita pelas comunidades semânticas e apropria-se desses territórios é de importância ímpar.

Vanderlei fala um pouco de como é vivência na Casa do Índio a partir de relatos feitos em minhas visitas e também para a pesquisa do Leio/UFF. Na Casa do Índio, onde passa o fim de semana, Vanderlei dorme em um dormitório misto, com pacientes de diferentes idades, etnias e quadros clínicos.(foto 6)

“_Enquanto ao aspecto da sua casa, na Casa do índio, encontram-se muitos cachorros, que geralmente dormem em qualquer lugar, até mesmo nas camas. Vanderlei adora os cachorros, na última história inseriu seus cachorros no contexto. Ele costuma brincar de futebol [...], quando não

¹¹⁸ Conversa com a professora Maria Alcione feita em 16/04/2009.

¹¹⁹ Fala do psiquiatra João em entrevista em 08/09 2009 na Casa do Índio.

tem sol, pois seus olhos são muito sensíveis e expostos ao sol ele não consegue enxergar.^{120,}

Em conversas conosco, Vanderlei nos fala sobre a prática de ouvir alguns programas de Funk na TV nos sábados à tarde na Casa do Índio. Embora na TV, não poderia vê-los pois era proibido com a justificativa de que tinha moças dançando. Em nossas conversas ele também mostra um pouco de receio quando falo em ir em um sábado à Casa do índio.

“_Vanderlei, o que você acha de eu ir te visitar num sábado para conversamos durante o dia e até dar uma volta?”(Minha fala)

“_E pode? Sábado é dia de faxina na casa. Eu tenho um monte de coisas prá fazer lá.”(Fala de Vanderlei)

“_E o que faz lá neste dia Vanderlei “(Minha fala)

“_Um monte de coisas....lavo louças... depois até escuto os programas de Funk!” (Fala de Vanderlei)

Vanderlei também conta sobre algumas ações realizadas dentro da Casa do índio.

Geralmente quando vai aos finais de semana para a Casa do Índio, Vanderlei faz faxina, lava as louças, mas como ele não enxerga e se aproximar os objetos pode entrar em contato com o detergente nos olhos, essa atividade se torna complexa, pois o detergente pode espirrar nos olhos e assim arder¹²¹

Uma outra fala também mostra um pouco sobre a dinâmica da casa do Índio durante a semana. Pergunto a Eunice Cariri sobre um ida a Casa do Índio num sábado?

“_Você me perguntou se poderiam vir no sábado. Sábado não pode por que é o único dia que eu tenho livre. Aí vocês vão ver a clientela que nós temos aqui que é infernal. Só aqui embaixo nós temos duas meninas com paralisia cerebral. Uma está na cama há 22 anos.^{122,}

Perguntado quando seria o retorno do Vanderlei à aldeia, o psiquiatra da instituição João respondeu que, no futuro, isso iria ser definido.

¹²⁰ Relato da pesquisa do Leio/UFF.

¹²¹ Idem.

¹²² Fala de Eunice Cariri em entrevista em 08/09 2009 na Casa do Índio.

No momento, Vanderlei não tem discernimento de nação, leis, e como seria a forma dele novamente se adequar à aldeia. E se isso for a vontade dele? ¹²³

Logo após João fala sobre a escolha do Vanderlei em relação ao seu futuro. Que seria necessário realmente perceber qual a sua identidade, o seu pertencimento.

Ele já está a tanto tempo entre nós... ele pode gostar de viver como vivemos”. E se o Vanderlei quiser voltar para uma aldeia? “Essa aldeia tem que mostrar para o Vanderlei como ele pode se integrar, como ele pode trabalhar.

João fala sobre o respeito às escolhas de Vanderlei.

Será que ele vai querer voltar a morar na aldeia? E, mais ainda, essa aldeia vai querer o Vanderlei de volta?. Necessariamente Vanderlei não precisaria voltar para a aldeia de origem. Isto lembrando que o Guarani vai para onde sua alma pede para ir. A compreensão guarani de território é bem diferente da que temos. ¹²⁴

3.3 A voz da família e da aldeia guarani

Como inserir a voz da família guarani nesta pesquisa? Como escutar essa voz? Um interesse inicial da pesquisa seria uma visita à família de Vanderlei, o que não foi possível. Na perspectiva bakhtianiana, percebo a escuta dessa voz na alteridade de Vanderlei com diferentes interlocutores: antropólogos do MPF; funcionários da Casa do Índio; professores e funcionários do IBC; pesquisadores do UFF/LEIO. Também a escuta na fala de Vanderlei sobre a família, ao longo de seus dezesseis anos. Essa voz, que eu como pesquisador, me propus a encontrar na constituição de Vanderlei, poderia estar silenciada? Gradualmente, ao longo da pesquisa percebo essa voz presente em diferentes discursos, mediados por falas dele e do outro.

Dentre esses interlocutores, algumas considerações sobre a família guarani são importantes para a compreensão do presente estudo. O guarani mbya considera parente,

¹²³ Fala do psiquiatra João Sorominé, filho de Eunice Cariri e psiquiatra da Casa do índio em entrevista em 08/09 2009 na Casa do Índio.

¹²⁴ idem

*etarã*¹²⁵, não apenas o indivíduo de mesmo sangue, mas todos aqueles pertencentes ao mesmo grupo étnico. (foto 09 e 10)

Os *mbya* referem-se a seus parentes verdadeiros aqueles que moram em várias aldeias.¹²⁶

Entretanto, os deslocamentos ocorrem para os locais onde reconhecem que serão acolhidos, conforme Pissolato: “Os indígenas que deixam sua localidade para viver em outra buscam lugares em que já teriam parentes por quem esperam ser acolhidos.”¹²⁷ Mas, isto, tem seus condicionantes.

É preciso que se existam locais para aonde se pode ir, resultando a configuração de uma família extensa ou parentela. É preciso que eles acolham, parentes de onde quer que venham.¹²⁸

Apesar da distância entre indivíduos de uma mesma etnia, os laços de parentesco são mantidos desde que preservada a possibilidade de partilhar a comunicação entre eles.

A condição básica para a prática do parentesco, criando as condições de proximidade física para a convivência e a partilha da conversa, bem como de cuidados mútuos, mantendo o campo relacional.¹²⁹

Todo o processo envolvendo Vanderlei iniciou-se com a notícia de que sua mãe, na aldeia de Rio Silveira, após seu nascimento, o havia abandonado por ser uma criança “diferente”. Albino, deixado ao sol, à exposição excessiva de Vanderlei teria causado uma série de problemas de saúde. Internado, uma enfermeira propôs ação de destituição de pátrio poder e adoção que foram negadas e julgadas improcedentes.¹³⁰

Apesar da decisão judicial do juízo de São Sebastião ter determinado que Vanderlei fosse reintegrado à aldeia, a Procuradoria da República do Rio de Janeiro determinou que ele ficasse sob cuidados médicos junto à Casa do Índio e fazendo visitas esporádicas a sua aldeia de origem. Ainda de acordo com o laudo da antropóloga Maria Betânia Pereira em vista ao IBC foi favorável que Vanderlei permanecesse na Casa do Índio e no Instituto

¹²⁵ O termo –*etarã* significa parente, aqueles que são vinculados por consanguinidade ou por grupo étnico. (PISSOLATO, E., 2007, p. 177).

¹²⁶ PISSOLATO, E., 2007, p. 178.

¹²⁷ *Idem*, p. 184.

¹²⁸ *Idem*, p. 194.

¹²⁹ *Idem*, p. 193-194.

¹³⁰ Autos n.º 30-96 da Comarca de São Sebastião/RJ, depois retornando com o numero 74/2000. Foi apensado a estes autos a ação de manutenção de guarda proposta pela mãe biológica do menor n.º 25/00. Às fls. 323/324v do procedimento n.º 08123.0007514/95-37.

Benjamin Constant, pelo seu bom estado de saúde e pela socialização bem sucedida na escola para cegos e para alunos de baixa visão ¹³¹

Quanto à mãe de Vanderlei, a guarani Janim Jácuxá, o laudo antropológico ¹³² aponta que a mãe é bem tímida, fala pouco português e que preferia que Vanderlei ficasse na Casa do Índio até receber alta. De acordo com a mãe, existiam condições para que Vanderlei voltasse para a aldeia e apontava algumas delas: bastante sombra feita pelas árvores para que ele se protegesse do sol; sombra das casas indígenas; escola no centro da aldeia; posto médico próximo; agente de saúde indígena e equipe médica da FUNASA para atendimento na própria aldeia e uma médica da prefeitura visita a aldeia.

Em laudo antropológico relativo à visita à aldeia no dia 23 de outubro de 2007, houve uma reunião com a família que reafirmou o desejo de que Vanderlei retornasse para o convívio da aldeia assim que recebesse alta médica. Um dos líderes também lembrou que há ocorrências de albinismo em outras aldeias guarani, como, a aldeia de Barragem. ¹³³

Primeiramente, para mim, como pesquisador, seria necessário ter um pouco deste entendimento com o intuito de tentar desvelar como essa voz manifesta-se em Vanderlei. Faz-se necessário dizer que entre os índios guaranis a responsabilidade da educação das crianças é de toda a comunidade e não apenas dos pais.

Sobre sua parentela, Eunice Cariri e o psiquiatra João, da Casa do Índio, sempre falam que os seus parentes não o abandonaram na instituição. Observam que, sempre que possível alguém da aldeia o visita.

Quando Vanderlei nasceu, a mãe não entendeu porque o seu filho tinha nascido branco. Ela então perguntou para o pajé que disse que ela deveria ter comido muita bolacha de branco e ficado daquela maneira. E que para ele melhorar e ficar da cor dele deveria colocar o menino no sol. Assim, o menino teve queimaduras muito graves e foi internado num hospital. Foi quando começou uma briga pela guarda do Vanderlei [...] uma senhora,

¹³¹ Despacho do Procurador da República do Rio de Janeiro Ângelo Augusto Costa, de 31/03/2008. Procedimento Administrativo n.º 1.30.012.000320/2007-11.

¹³² Laudo antropológico

¹³³ Podemos citar também, de acordo com a pesquisa do Leio/UFF, a presença de guarani albino na aldeia de Sapukai, em Angra dos Reis/RJ, e, de acordo com as pesquisas do antropólogo Vitor Aratanha, nas aldeias de Misiones na Argentina (figura 11 e 12).

enfermeira, que tinha muitos contatos políticos quis tirar o Vanderlei da família.¹³⁴

Logo a Eunice Cariri interrompe para falar sobre a enfermeira.

Essa mulher quis transformar a vida de todos num inferno. Onde já se viu querer tirar o menino da mãe dele. Isso não pode. A mãe dele esteve muito presente. E este ano ainda não veio visitar por falta de tempo e por ter outros quatro filhos menores. Sabemos que a mãe de Vanderlei é também mulher dessa aldeia onde desempenha outros papéis em sua cultura. ¹³⁵

Percebe-se na fala do João um dado muito importante: a rede de informações entre os guarani. Ele observa que um primo do Vanderlei teria visitado em 2008 a Casa do Índio trazendo notícias da parentela. Assim, segundo o psiquiatra, Vanderlei continua tendo uma rede de comunicação com os seus parentes. Ele também ressalta que o acesso à tecnologia, como o telefone, os mantêm informados sobre o bem-estar dos parentes.

Eles, os guarani, mantêm contato uns com os outros o tempo todo. Eles viajam muito e uns levam notícias dos outros. E eles são assim, se sabem que o outro está bem, ótimo. E eles ligam, tem telefones, alguns têm celular.¹³⁶

João também fala sobre o estigma que teria sido criado pelas pessoas envolvidas diretamente no caso assim como pela mídia de que Vanderlei estaria sendo rejeitado pela sua aldeia Guarani.

Isso é uma coisa que nunca aconteceu, sempre foi normal a relação do Vanderlei com os pais. As pessoas sempre tinham pena, achavam que ele era um índio rejeitado... passou na TV, nos jornais. ¹³⁷

O psiquiatra também ressalta o aspecto cultural/familiar entre os guarani, onde somente pai, mãe e avô têm uma significação próxima da nossa cultura. Entretanto, existe uma rede muito forte entre os guarani que vai muito além das fronteiras de suas aldeias. Podemos notar na fala de seu padrasto e do cacique o sentimento de pertencimento de Vanderlei pela aldeia.

Tenho certeza que Vanderlei voltará à reserva e tenho certeza que um dia ele terá orgulho de ser índio.¹³⁸

¹³⁴ Fala de João, filho de Eunice Cariri e médico psiquiatra da Casa do Índio.

¹³⁵ Fala de Eunice Cariri.

¹³⁶ Fala do psiquiatra João Sorominé em entrevista em 08/09 2009 na Casa do Índio.

¹³⁷ Idem.

Ele também é Guarani, por isso todos nós gostamos dele, não queremos que ninguém tire ele da gente, mesmo sendo diferente.¹³⁹

Entretanto, segundo observação da professora de Vanderlei, Maria Alcione, ele não teria como permanecer na aldeia, uma vez que sua condição de albino não permitiria resistir às situações naturais e sociais de uma aldeia.

Mas ele não pode ficar na aldeia... lá tem muito sol...formiga... Até quando Vanderlei vai visitar a aldeia ele fica num hotel. [...] O Vanderlei não falava muito da aldeia, onde ele nasceu; aí eu comecei a estimular para que ele falasse mais. Ele convivia com a mãe nos dias que ele iria visitá-la, porém não na aldeia, e sim no hotel, então eles ficavam juntos lá no hotel. Eu nem sei, mas acho que ele nem pode ficar indo muito para aldeia, dormir, essas coisas.¹⁴⁰

Em consequência esse afastamento da aldeia faz com que Vanderlei perca objetivamente a identidade guarani embora permaneçam traços que lembram os costumes de sua etnia.

É muito importante o contato dele com a família, com a cultura. A identidade indígena no Vanderlei é mais uma marca subjetiva, são algumas emoções, habilidade manual, se percebe a cultura dentro dele em algumas situações, como por exemplo, no gosto que ele possua por comidas. É impressionante como ele mantém algumas características.¹⁴¹

Finalmente, a professora ressalta que Vanderlei preserva um elo com seus parentes. Apesar de conviver mais em contextos não guarani, preserva na figura de sua mãe, uma índia que pouco fala português, um sentimento de ligação com sua etnia.

O Vanderlei mostrava ter muitas saudades da mãe, porque esse ano ele não foi visitá-la nas férias.¹⁴²

Entretanto, segundo Pissolato, não se pode desconsiderar o caráter de interculturalidade na relação entre guarani e juruás. Ou seja, tanto nas visitas esporádicas de sua mãe à Casa do índio quanto nas de Vanderlei a sua aldeia ambos encontram elementos não totalmente estranhos a sua vivência.

A vida atual nas aldeias vem sendo influenciada pelo mundo dos brancos. O mundo mbya é inconcebível sem o juruá.¹⁴³

¹³⁸ Fala do Cacique Carlos Guarani em entrevista para Rede Globo de Televisão, exibida no Jornal Nacional de 31/01/96.

¹³⁹ Fala do padrao de Vanderlei, Luís Weraí, em entrevista para o Jornal da Bandeirantes em 19/04/96.

¹⁴⁰ Conversa com a professora Maria Alcione feita em 16/04/2009.

¹⁴¹ Idem.

¹⁴² Idem.

3.4 A Voz das linguagens estéticas

Não há território sem sujeito de apropriação e de pertencimento. Não há território sem o outro. É sempre no outro que o sujeito se reconhece- e sempre localizado em um território. Sendo assim, Vanderlei está sempre em trânsito dentro de territórios. A partir das linguagens estéticas podemos encontrar pistas que nos permitam analisar alguns destes trânsitos que se relacionam com sua constituição como sujeito. Mas seria muito tentar dar conta de todas as linguagens estéticas que perpassam a vida de Vanderlei.

Foi identificar na notar com esta pesquisa algumas relações de Vanderlei dentro das linguagens estéticas. Como é o diálogo dele com os outros e a partir de quais apropriações. Logo identifiquei que o Funk falava em Vanderlei e pus-me a dialogar com ele a partir dessa linguagem. Mas outras linguagens motivam Vanderlei e, entre elas, a produção de livros táteis, a dança e a cerâmica foram identificadas.

No trânsito pelas linguagens estéticas, a professora Maria Alcione percebeu em Vanderlei um distanciamento das práticas próprias da cultura guarani mesmo quando estimulado em sala de aula.

O Vanderlei não falava muito da aldeia, onde ele nasceu; aí eu comecei a estimular para que ele falasse mais. Ele convivia com a mãe nos dias que ele iria visitá-la, porém não na aldeia, e sim no hotel, então eles ficavam juntos lá no hotel. Eu nem sei... mas acho que ele nem pode ficar indo muito para aldeia...dormir...essas coisas...É muito importante o contato dele com a família, com a cultura. A identidade indígena no Vanderlei é mais uma marca subjetiva, são algumas emoções, habilidade manual, se percebe a cultura dentro dele em algumas situações, como por exemplo, no gosto que ele possua de comidas. É impressionante como ele mantém algumas características.¹⁴⁴

O território e também o corpo têm esse caráter de denúncia sobre o que somos, seu pertencimento pendular está presente em seu discurso, materializado na fala, na narrativa, nas vozes que aparecem em Vanderlei. No corpo adotamos, como na cultura guarani, muitas práticas de adornos e Vanderlei gosta de usar e produzir pulseiras, e tiaras feitas a partir de materiais artesanais dados a ele.

¹⁴³ PISSOLATO, E., 2007, p. 178.

¹⁴⁴ Conversa feita com a professora Maria Alcione feita em 16/04/2009.

Vanderlei usava uma tiara nos cabelos os meninos implicaram com ele, o chamando de Vanderlea, fazendo com que ele tirasse a tiara.¹⁴⁵

No campo de sua “voz guarani” ele participou de uma oficina de cerâmica no IBC. A professora Maria Alcione relata de sua forte tendência para trabalhos manuais, aspecto característico da cultura guarani, materializado na produção de cestaria, de pulseiras, colares, brincos,feitos de palha de bambu e sementes de pau-brasil entre outros

[...] O Vanderlei gostava de arte, colagem e barro, mostrando a sua personalidade indígena. Por que o contato com ele e a família é muito pequeno...mas decisivo para a personalidade dele. [...] Vanderlei gosta muito de cerâmica e resultava em trabalhos maravilhosos, ele gostava muito de novidades. [...]Ele é muito criativo, mas tudo tem que ser bem trabalhado dele, ele sempre deve ser estimulado através do processo de ensino-aprendizagem, e através do trabalho manual.¹⁴⁶

Na expressividade do corpo, os guarani sempre fazem suas festas e rezas com dança (xondaro) e musica muito rítmica, marcada pela batida do tambor. A professora Alcione também chama atenção de como Vanderlei gosta das festas e danças no IBC, embora, distanciando-se daquelas de sua cultura original e voltando-se principalmente para a festa junina:

[...]O Vanderlei adorava as festas Juninas no instituto, ele usava sempre camisa xadrez coloridas(foto 13), ele gostava de ficar igual aos outros; aos seus pares, aos seus colegas. [...]¹⁴⁷

E por que não falar das cores? No contato com Vanderlei durante a pesquisa percebo que ele parece não ter problemas com distinções de cores.

Adoro ajudar as pessoas! Estou ajudando a construir o IBC, na cor amarela.¹⁴⁸

Podemos pensar também no IBC como um dos territórios a serem apropriados por Vanderlei. O IBC hoje passa por uma reforma e sua cor está sendo mudada, antes tínhamos a cor rosa (foto 15) e agora está todo em amarelo (foto 14). Importante ver Vanderlei se apropriando da escola quando ele fala que está ajudando a construir o IBC na cor amarela.

¹⁴⁵ Relatório do Leio/UFF.

¹⁴⁶ Conversa com a professora Maria Alcione feita em 16/04/2009.

¹⁴⁷ Idem.

¹⁴⁸ Fala de Vanderlei para pesquisa do Leio/UFF.

Assim, ele traz para si a responsabilidade de pertencer E exatamente as habilidades com os desenhos e pinturas com as professores demonstram isso. Pensando nosso primeiro duplo de análise que é o trânsito entre a cegueira e a visualidade, Vanderlei parece não ter muita dificuldade a para definir cores. A professora Alcione observa como Vanderlei gosta de trabalhar com muitas cores e percebe bem a diferença entre elas.

O Vanderlei distinguia as cores, gostava de trabalho com artes e de desenhar; ele gostava muito de trabalhar com artes. Eu ficava com ele nas terças e quintas, de 13 horas até as 14:30 e nem sentia o trabalho passar¹⁴⁹

A pesquisa feita pelo Leio/UFF detém-se na produção histórias em co-autoria com os alunos num intenso processo de alteridade a partir da construção de livros táteis (foto 16) Nestas histórias, é constatado que Vanderlei sempre está em trânsito, entre territórios. Nas histórias feitas para a construção dos livros é trazido o universo guarani. Numa das histórias estão as suas amigas que são de origem não-índias que se juntam para encontrar uma saída e ajudar a natureza.

Página 1

Vanderlei contando a história com suas amigas do IBC para uma roda de guarani na aldeia. “Era uma vez uma floresta muito animada, onde os animais viviam em harmonia...” (...) Nesta floresta viviam pessoas muito felizes em uma tekoa (aldeia), onde eles se pintavam, pescavam e cantavam para Nhaderu (Deus).

Página 2

A surpresa de Vanderlei e suas amigas ao chegarem na floresta perceberam que algo de errado estava acontecendo: “Me falaram que estava acontecendo algo de errado na floresta por isso decidi ir até lá com as minhas amigas.”

Página 3

Vanderlei conversando com a árvore e esta desabafa sobre os problemas enfrentados pela natureza:

“Noto que seus olhos estão tristes. O que aconteceu à árvore Pindo (Palmeira)?

- Toda vez que entra um Juruá (branco) em nossa floresta, me sinto cada dia mais triste, perdemos minhas irmãs.

-Nossa! Como isso pode acontecer? Nossa mata sempre foi tão preservada, alegre e protegida por nós guaranis.

-É verdade, mas os Juruá não percebem que fazendo isso destroem a si mesmos. Preciso de sua ajuda para voltarmos a ser uma floresta harmoniosa.¹⁵⁰

¹⁴⁹ Conversa com a professora Maria Alcione feita em 16/04/2009.

¹⁵⁰ BARROS, A, BETÂNIA, M. G. Subjetividade e baixa-visão: a produção do livro tátil intercultural.

Nas páginas seguintes do livro tátil, Vanderlei, que é o personagem central, propõe que os guaranis se juntem para explicar ao homem branco a importância da natureza. O livro ao seu final da produção é entregue ao aluno e doado à biblioteca do IBC, para empréstimo às crianças do IBC.

Meus primeiros dias com Vanderlei no IBC deixaram-me um pouco desconfortável. Achava que não tinha muita coisa a oferecer a Vanderlei e ele não desenvolvia muito a conversa comigo. Precisava encontrar alguma forma de diálogo com ele. Depois de algumas conversas percebi seu interesse pelo Funk e propus trazer alguns CDs de Funk para escutarmos juntos. Pareceu-me que ficou bastante entusiasmado com a proposta e contou-me que possuía alguns, mas foram quebrados por alguém que não quis identificar.

Na semana seguinte de trabalho de campo fui para o encontro com Vanderlei no IBC sem o cd de Funk. Levava meu *notebook* e perguntei a Vanderlei se estava “a fim” de ver um desenho animado que eu tinha e algumas outras músicas. Ele disse que sim e ficou um pouco mais interessado.

“– Como assim? O que você tem aí? Tem música aí dentro? A gente não consegue fazer uns Funks?”

Fomos para um espaço mais reservado, sentamos e eu comecei a ligar o computador. Ele mostrou-se interessado naquela tecnologia.

“– Onde vai sair a imagem? Não estou escutando direito... Já tá passando?”

Vanderlei aproximava bem o rosto e depois o ouvido para ouvir. Até que coloquei o vídeo que tinha. Primeiramente, mostrei uma animação que falava de um camaleão que não conseguia adaptar-se ao meio em que vivia. Ele tinha um grande problema para os camaleões: não conseguia transmutar sua cor de acordo com a natureza circundante. Quando precisava ficar verde, ficava rosa de bolinhas brancas; quando precisava ficar laranja, tornava-se quadriculado. Ou seja, ele não conseguia camuflar-se contra os perigos da selva. E era visto pelos outros camaleões como um grande perdedor. Num momento de perigo ele fugiu em um ônibus e foi parar na cidade. Lá, ele é encontrado por um artista que se encanta com sua habilidade em ficar com cores tão diferentes e estranhas para um camaleão. O artista começa a pintar e tirar fotografias do camaleão, que logo se torna uma grande estrela internacional.

Mostrei o vídeo a Vanderlei tentando fazer com que ele se projetasse de alguma forma no camaleão. Vanderlei é albino, o que exige dele promover algumas adaptações para que viva bem, em harmonia com a (sua) natureza. E, para minha frustração, não percebi essa projeção. Pensei até que ele nem entendera muito bem o que o desenho animado queria dizer. Achou bonitinho... sorriu quando terminou. Achou engraçado um camaleão de cores diferentes... quadriculado... de bolinhas. Perguntei se ele tinha gostado do vídeo?

“_Sim...é legal.”

Devido a sua baixa visão ele assistiu ao vídeo colocando-se bem próximo da tela do notebook. Percebi que conseguiu ver muito do que se passava na tela. Vanderlei consegue ver razoavelmente quando bem de perto. Poder constatar isso foi bom para pensar na nos processos cognitivos que ele realiza. Aparentemente, ele interage tanto como vidente, utilizando a visão, e como um cego, utilizando-se de outros sentidos

Passamos para algumas músicas brasileiras: samba, MPB e rock que tinha baixado no computador.. Nada disso interessou ao Vanderlei. Colocava uma música e ele me perguntava:

“-Não tem nada remixado? Funk... Hip Hop? Nada! “

Ele não conseguia acompanhar nenhuma das músicas que tinha levado. Achava tudo chato.

“-Será que a gente não consegue fazer uns Funks aqui?Não tem batida aí?”

Percebi então que o Funk poderia ser um auxílio precioso. Era uma das linguagens estéticas que mais falavam ao Vanderlei. Pensei: “Como fala essa voz do Funk dentro dele!”. Encerrei minha visita dizendo que, sem falta, levaria na semana seguinte um CD. Na pesquisa feita pelo Leio/UFF, Vanderlei também falava sobre seu interesse pelo Funk:

Vanderlei cantou com os amigos e dançou funk. Os meninos mais velhos passaram e implicaram com ele, dizendo de maneira debochada que ele dança muito bem o “créu”. [...] Vanderlei e seus amigos disseram que iriam montar uma peça no ano que vem, e que terá o MC Vander, e o MC

Flávio. Começaram a fazer cócegas um no outro, e ele ria muito, falaram sobre a festa do dia da criança, e quando perguntamos sobre os amigos da casa do índio, ele disse não ter mais nenhum.¹⁵¹

Percebi o quanto poderia ser bom esse diálogo a partir do Funk e passei a preparar-me para esse diálogo, e pesquisando as modalidades de Funk. Eu não conhecia muito bem as letras, só um pouco dos ritmos. Passei então a semana procurando onde comprar CDs de Funk.

Comprei um CD de grandes sucessos do Funk para um maior diálogo com o Vanderlei. Como realizo trabalhos com populações de periferias, tentei comprar os CDs por essas bandas. Mas logo percebi que não poderia usar esses CDs. A maioria daqueles vendidos nas favelas é dos chamados “proibidões”. Muitos deles fazendo apologia ao sexo fácil, drogas e violência e eu não queria levar material assim para o Vanderlei.

Na feira da rua Uruguaiana, no centro do Rio, pude conhecer um feirante que me ensinou um pouco sobre o mercado de Funk. Lá, pude comprar o que eles chamam de CDs de mercado. Funks que tocam nas rádios e televisões. Muitos desses Funks têm as duas versões, a de mercado e o ‘proibidão’. Comprei um CD com os principais *hits* do Funk, inclusive com muitos antigos. Então, segui para minha visita ao IBC e Vanderlei mal recebeu-me perguntou pelo CD.

_E hoje você trouxe o meu CD?_Sim Vanderlei, trouxe sim!_Então vamos escutar?¹⁵²

Naquele momento, ele também tinha um foco de interesse na nossa relação: a possibilidade de conseguir CDs de Funk. Estávamos realmente entrando num processo de alteridade. Fomos para um lugar mais tranquilo onde pudesse ligar o computador e colocar o CD para tocar. Ele logo examinou a capa olhando bem de perto e conseguiu ler algumas das faixas, perguntando-me:

“_Esse CD é de Funks velhos, né? _Querida um CD com Funk de agora._Você não consegue Funks mais novos?”¹⁵³

¹⁵¹ Relatos do Leio/UFF de 08/10/2008.

¹⁵² Visita ao IBC em 24/09/2009.

¹⁵³ Idem.

Mais uma vez, para minha surpresa, Vanderlei estava muito mais integrado a esse mundo Funk do que eu imaginava. Ele conhecia bem os Funks que levei e não estava interessado neles. Disse que eram muito velhos e que queria algo mais atual. Tentei, mesmo assim, escutar algumas das faixas com ele, que se mostrou um pouco impaciente. Depois, quando coloquei o CD, ele reconheceu alguns MCs e falou-me sobre alguns de quem gostava. Reconheceu os MCs Marcinho e Serginho, Gaiola das Popozudas e a Furacão 2000.

O que chamou minha atenção foi querer os Funks remixados, sem intervalo das faixas. Ele também gostou dos efeitos dos *remixes* e o CD que levei era separado por faixas. Tecnologia pareceu ser algo muito atrativo para ele. Perguntou logo se eu tinha no computador algum programa para que pudéssemos *remixar* o que tinha levado. Sempre que falava no *remix*, fazia o movimento com as mãos de rodar o disco na *pick up*. Então, percebi que ele aprendera de forma visual e perguntei onde vira esse movimento.

Eu assito no sábado lá na casa do Índio. Nem sempre posso assitir ...tem vezes que tem mulher dançando e não posso assitir. Elas ficam com pouca roupa e fazendo movimentos na dança.¹⁵⁴

Perguntei o que ele achava de eu trazer uns DVDs de Funk para ver.

“_Se não tiver mulher dançando eu posso ver!”

Contei-lhe também que tinha conversado com umas pessoas que me falaram dos Funks que tocavam na favela. Então ele disse:

“_Os proibidões, né?. “

É, realmente o Vanderlei conhecia bem aquele universo e eu teria que, de alguma forma, incrementar nosso diálogo a partir do Funk.

No CD que levei havia uma música que se chamava “Enxerga Jatobá”. Foi feita em alusão a um personagem cego de uma novela global. Esse cego, na novela, é traído pela mulher. Assim, o Funk fazia uma comparação entre o homem que é traído e aquele que é cego. Cego porque não quer ver a traição! Perguntei a ele se conhecia a história da novela.

“_Não conheço não! Mas já escutei a música. “

¹⁵⁴ Fala de Vanderlei em visita ao IBC em 24/09/2009.

Ele respondeu que não, mas conhecia o Funk do Bonde dos Gorilas. Depois disso percebi que, para buscar um diálogo com Vanderlei a partir dos Funks, precisava conhecer melhor esse universo e escolher alguns de acordo com o interesse da pesquisa. Mas fiquei motivado com a possibilidade de descobrir mais sobre Vanderlei a partir de uma das vozes que já havia selecionado nas vozes das linguagens estéticas. Para mim, ele parecia estar elegendo o Funk como umas das vozes que poderemos trabalhar uma vez que ela dá pistas na sua constituição como sujeito.

Assim, passei a pesquisar os Funks pela internet. Queria encontrá-los com letras que pudessem dialogar com algumas das vivências de Vanderlei. Letras que falassem de amizade, escola, família, preconceito, território e fizessem Vanderlei falar sobre essas realidades em sua vida.

Na internet encontram-se muitos sites onde é possível baixar alguns Funks contemporâneos. Precisei estar atento às letras e apologias que muitos deles faziam ao crime ou ao sexo fácil. Encontrei em alguns sites o chamado Funk de Raiz. Assim pude baixar letras mais próximas das questões que queria abordar com Vanderlei.

Em novo encontro, cheguei um pouco mais cedo ao IBC e procurei um lugar calmo onde pudesse ligar meu *lap top* e onde não tivesse muita passagem de pessoas. Vanderlei parecia mais satisfeito por eu ter levado algo que ele esperava. Levei um CD com muitas faixas que gravei em casa. A primeira faixa era o “Funk da favela”. Sua estrofe diz:

A minha pele é negra.
E o meu cabelo é duro.
E o funk da favela.
É o melhor do mundo.¹⁵⁵

Percebi que Vanderlei reconheceu logo esse funk e gostara.

“_Esse funk também é mais velho ...mas é bom!”

Pergunto porque? Ele fica um tempo sem responder.

“_É porque ele é preto. É bom ser preto.”

¹⁵⁵ Funk “Racismo” de MC Bill.

Sua resposta fez-me lembrar de uma fala com Eunice Cariri em minha visita à Casa do Índio:

Olha, teve uma vez que Vanderlei me fez passar uma vergonha tremenda. Estávamos eu, outras crianças e Vanderlei no ponto de ônibus e uma senhora negra. Primeiro Vanderlei me pergunta alto como aquela senhora tinha ficado daquela cor. Depois pergunta a própria senhora como ela tinha ficado assim. Isso porque ele queria ser preto! Vanderlei durante muito tempo atentava todo mundo perguntando como fazia prá ficar preto.¹⁵⁶

Quando eu perguntei do porquê daquele interesse Eunice Cariri respondeu:

Por que ele quer ir pro Sol. Andar no Sol. Ir para a praia. E ele não pode...a doença não deixa. Nós não podemos deixar Vanderlei sair assim exposto ao Sol. Tem que tomar muito cuidado.¹⁵⁷

João logo interfere fazendo um comentário.

É engraçado, o Vanderlei sempre quando via uma pessoas negras perguntava se ela tinha nascido assim ou se ela fez alguma coisa para ficar assim. A questão do albinismo é muito incomodo pra ele. Acho que isso é o que mais o limita. Ele não pode se expor muito ao sol.¹⁵⁸

Voltando para esse primeiro Funk que escutamos juntos, perguntei a Vanderlei se ele gosta do ritmo.

“_Sim é legal. Tem um batidão. E eu gosto.”

Fazendo o movimento com as mãos de rodar o disco, como faz um DJ. Em outro momento a letra fala o seguinte:

O Funk que eu canto
Não é brincadeira não
É uma forma que achei
De chamar sua atenção.¹⁵⁹

Vanderlei canta junto com a música esse refrão acima. Canta pra dentro, não dando à entender direito se ele sabe o que está cantando. Entretanto, ele está muito atento ao Funk. Pergunto-lhe se o Funk chama a atenção dele:

¹⁵⁶ Fala de Eunice Cariri na visita feita a Casa do Índio em 08/09/2008.

¹⁵⁷ Idem.

¹⁵⁸ Fala de João na visita à Casa do Índio em 08/09/2008.

¹⁵⁹ “Funk de Raiz” de MC Bill.

“_Sim, chama. O Funk é pra chamar a atenção! Não é isso?”

Fico bem surpreso com a resposta e respondo a ele. “Que sim”

Outro momento que percebo que mexe com ele no Funk é:

Vem morena linda.

Vem dançar com seu pretim.¹⁶⁰

Vanderlei também cantava junto essa parte. E pergunto se ele dança com as meninas.

“_Não, com as meninas agente não pode dançar. E elas vão querer?_Eu nem sou preto. Elas gostam de preto.”

Não pode dançar ou não pode dançar Funk?

“_Não pode dançar funk e nem vê elas dançar.”

Pergunto a ele qual motivo de não poder ver as meninas dançar e ele diz que elas dançam rebolando. Ele é proibido na Casa do Índio de ver essas coisas e que não teria idade para assistir coisas para adultos.

A professora Valeria Aljan do IBC, chamou atenção para a aproximação de Vanderlei com o Funk, e pela frequência do IBC. Quem são esses alunos com quem Vanderlei convive? Assim, podemos pensar como algumas linguagens culturais falam em Vanderlei

[...]aqui no IBC temos muitos alunos de periferia. Sendo o Funk uma música nascida na periferia deve ter sido trazida por esses colegas. Aqui no IBC temos muitos Alunos que vem de favela ou da baixada. Não tem nada de elite, atendemos quem precisa. Então, a grande parte dos alunos vem dessas áreas. Acho que eles devem ter trocado esse interesses.¹⁶¹

¹⁶⁰ “Funk de Raiz” de MC Bill.

¹⁶¹ Conversa com Valéria Aljan no IBC dia 13/04/2009.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como pano de fundo, políticas públicas afetas ao papel da universidade, da Casa do Índio, das escolas especiais, quando envolvendo trajetórias da infância e da juventude com necessidades especiais indígena e, portanto, na fronteira entre inclusão e exclusão num contexto territorial.

No que diz respeito às políticas públicas das universidades, importa uma atuação consistente na área do ensino e da pesquisa para educadores índios e não índios, portadores de necessidades especiais ou não, no sentido de se preparar para um trabalho sempre em alteridade.

As análises documentais e os depoimentos dos entrevistados demonstraram que há lacunas a serem superadas no que se refere ao acompanhamento de Vanderlei. Foi percebido que tanto na Casa do Índio, como no Instituto Benjamim Constant não há um profissional específico para tratar de assuntos de caráter étnico. Constatou-se que aconteceu uma dupla discriminação do sujeito guarani albino e com baixa visão, tanto na aldeia como na cidade, sendo este o principal desafio a ser vencido através de novas políticas públicas.

Torna-se necessário o conhecimento étnico e da alteridade como fundamento das relações. Quanto às Casas do Índio, a necessidade de acompanhar a infância e a juventude no campo da convalescença clínica, mas não deixar de manter uma “pedagoga hospitalar diferenciada”. Sendo assim, teremos políticas públicas para índios de etnias diferentes, com deficiências e assim avançaremos no aspecto estrutural e humano respondendo às especificidades do sujeito.

As escolas especiais não índias, por seu turno, que recebem crianças indígenas, mantêm projetos de inclusão, mas não ainda para uma inclusão étnica. Necessário se faz aprofundar estudos e avançar no diálogo inter e transdisciplinar, no sentido de criar uma rede de saberes que vise qualificar profissionais e ainda mais a política de atendimento aos

índios com necessidades especiais. Durante a pesquisa de campo foi observado o importante papel social das pesquisadoras do Leio/UFF, vale ressaltar o caráter de suas formações, que desenvolve importante trabalho em alteridade étnica e visual com os alunos..

Já para as escolas diferenciadas indígenas, dispor de uma formação que dê conta de infância e juventude com necessidades especiais, de tal forma que integre o portador de necessidades especiais a dinâmica territorial de sua aldeia. Onde ele possa participar ativamente de toda a dinâmica cultural pertencente a sua etnia.

Especificamente no caso de Vanderlei, percebemos o quanto visitas mais freqüentes à sua aldeia de origem ou aldeias que sejam pertencentes a sua etnia guarani mbya, a fim de reforçar sua identidade, sua origem e seus valores. Compreendendo que o sujeito se reconhece no outro é importante para ele se ver no outro familiar, cultural, étnico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Glória de Souza. *Como é chamada a pessoa que vê*. Site do Instituto Benjamin Constant. Disponível em <www.ibc.gov.br>. Acesso em: 09 junho 2008.

AMORIM, Marilia. *A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica*. In: *Simposium Ethics and Humanities: Dealing with Diversity in Contemporary Research*. Anais. Amsterdam: International Research and Activity Theory, 2002.

_____. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2004.

ANDRADE, Manuel Correia. *A questão do território no Brasil*. São Paulo: Hucitec; Recife: IPESPE, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e a filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. *Estética da criação verbal*. 3.^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. (VOLOSHINOV, V. N.). *Écrits sur le freudisme*. Paris: L'Age D'homme, 1980.

BARBERO, J. M. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.

BARROS, Armando M.; CASTRO, R. (org.) *AraReko memória e temporalidade guarani*. Rio de Janeiro. E-papers, 2005.

_____; DUARTE, Maria Betânia P. G. Guerra. *Educação Especial*. In: *Reunião da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação*. ANPED, 2008.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

BRUNO, M. M. *A deficiência visual: conceitos e definições*. In: Bruno, M. M. *Deficiência visual: reflexão sobre a prática pedagógica*. São Paulo: Laramara, 1997. p 7-13.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

CLASTRES, H. *Terra sem mal: o profetismo tupi-guarani*. São Paulo: Brasiliense, 1978, p 86-87.

COLL, C. *Um marco de referência psicológico para a educação escolar: a concepção construtivista da aprendizagem e do ensino*. In: PALACIOS, Marchesi (Org.). *Desenvolvimento Psicológico e Educação*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1996. v. 2.

CONDE, Antônio João Menescal. *Definindo a cegueira e a visão subnormal*. Site do Instituto do Benjamin Constant. Disponível em <www.ibc.gov.br>. Acesso em: 09 junho 2008.

COPALBO, Creusa. *Fenomenologia e educação*. Fórum Educacional, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 41-62, jun/ago, 1990.

DUARTE, Maria Betânia. *Laudo antropológico*. Ref: processo 30/96 – Rio de Janeiro: MPF, 1996.

EZPELETA, J.; ROCKWELL, E. *Pesquisa participante*. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1986.

FARACO C. A.; Tezza C.; Castro G. (org.) *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis: Vozes, 2006.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO – FUNAI. Página de apresentação da instituição. Disponível em: <www.funai.gov.br/ultimas/materias/abri_indios.htm>. Acesso em: 03/06/2008.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Zahar: Rio de Janeiro, 1973.

GODOY, Marília G. *Diálogos interculturais: a educação escolar indígena e as tradições guarani mbya*. In: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Anais. Salvador: Faculdade de Comunicação/UFBA, 2007.

HADDAD, M.; SAMPAIO, M.; KARA-JOSÉ, N. *A adaptação de auxílios para o paciente com baixa visão*. In: HADDAD, M.; SAMPAIO, M.; KARA-JOSÉ, N. Auxílios para a baixa visão. São Paulo: Laramara, 2001. p. 9-13.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

HUSSERL, Edmund. *A idéia da fenomenologia*. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1990.

INSTITUTO BENJAMIM CONSTANT – IBC. Página informativa da instituição. Disponível em: <<http://www.ibc.gov.br/?catid=83&blogid=1&itemid=396>>. Acesso em: 03/06/2008.

LADEIRA, M. I. *Espaço geográfico guarani-mbya*. São Paulo: Edusp, 2007.

_____. *Migrações guarani-mbya*. Travessia: Revista do Imigrante, São Paulo, v. 9, n. 24, p. 21-24, 1996.

_____. *O caminhar sob a luz: território mbya à beira do oceano*. São Paulo: UNESP, 2007.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

LUCKESI, Cipriano C. *Filosofia da educação*. São Paulo: Cortez, 1992.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

- MASINI, E. F. S. *Enfoque fenomenológico de pesquisa em educação*. In: FAZENDA, I. (Org.). Metodologia da pesquisa educacional. 4.^a ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- MATISSE, Henry. Com olhos de crianças. In: Revista Arte em São Paulo, n° 14, março de 1983.
- MENESCAL, Antonio. Site da Associação Sorocabana de Deficientes Visuais. Disponível em <www.asac.org.br>. Acesso em: 09 junho 2008.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, 1945.
- _____. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- MOREIRA, D. A. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira, 2002.
- PASSARELLI, A. F. *Corpos enquadrados: AIDS e corporeidade em filmes narrativos*. Tese de doutorado da PUC/RJ. Orientadora: Solange Jobim e Souza, 2007.
- PISSOLATO, E. *A duração da pessoa*. Mobilidade, parentesco e xamanismo mbya (guarani). São Paulo: UNESP, 2007.
- QUARANTA-GONÇALVES, M. L. *Educação ambiental e fenomenologia: a importância da excursão para as percepções de meio ambiente em estudantes de ensino médio*. Dissertação de mestrado em educação. Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2005.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. Tradução: Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.
- REZENDE, Antônio Muniz. *Concepção fenomenológica da educação*. São Paulo: Cortez, 1990.
- SACK, Robert David. *Human Territoriality: its theory and history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um Discurso sobre as Ciências*. Porto: Edições Afrontamento, 1988.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2002.
- _____. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985.
- _____. *O retorno do território*. In: OSAL: Observatorio Social de América Latina. Ano 6 n.º 16 (jun/2005). Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- _____; SOUZA, M. A. A. de; SILVEIRA, M. L. (org.). *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec; Annablumme, 2002.
- _____. *Território e sociedade: entrevista com Milton Santos*. Entrevistadores: Seabra, Carvalho, Leite. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. p. 42.
- SCHADEN E. *Aspectos fundamentais da cultura guarani*. 3.^a ed. São Paulo: Editora Pedagógica/Edusp. 1974.

SPOSITO, Eliseu Savério. *Sobre o conceito de território: um exercício metodológico para a leitura da formação territorial do sudoeste do Paraná*. In: RIBAS, A. D.; SPOSITO, E. S.; SAQUET, M. A. *Território e Desenvolvimento: diferentes abordagens*. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.

TODA BIOLOGIA. Site Albinismo. Disponível em <www.todabiologia.com/genetica/albinismo.htm>. Acessado em 10 junho de 2008

VEIZTMAN, S. *Fundamentos da baixa visão*. In: VEIZTMAN, S. *Visão Subnormal*. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 2000. p. 1-8.

Anexos



FIGURA 1. Almoço na associação do Cegos de Brasília. Notar meu amigos Fernando de camisa azul e Francinaldo chegando por trás a seu lado.

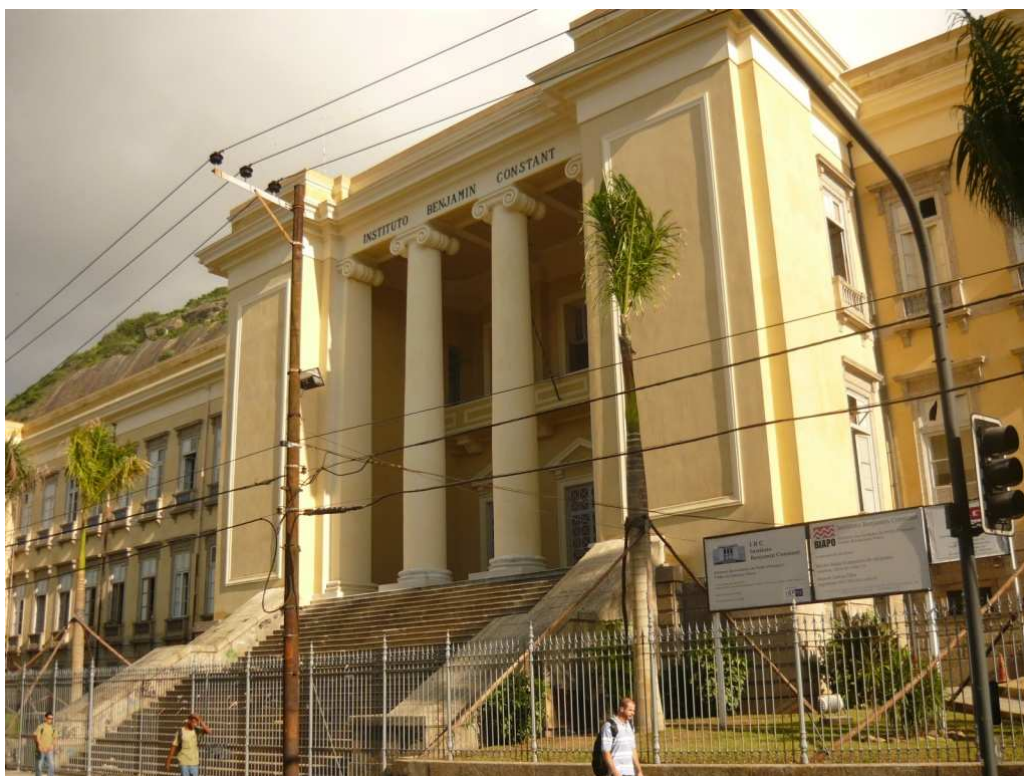


Figura 02: Fachada do Instituto Benjamim Constant



Figura 03: Fachada da Casa do Índio



Figura 04: Refeitório do IBC



Figura 05: Vanderlei examinando a agenda de um celular

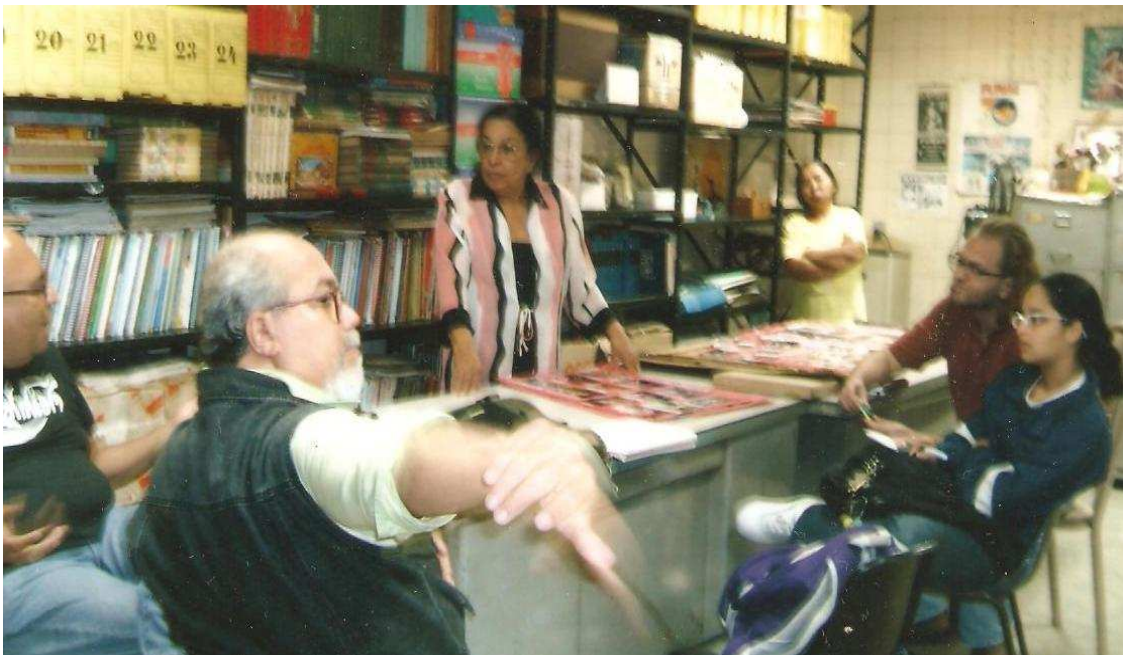


Figura 06: Sala de entrada da Casa do Índio



Figura 07: Cartazes da Casa do Índio



Figura 08: Cartazes da Casa do Índio



Figura 09 : Vanderlei com seus parentes



Figura 10: Vanderlei e seus parentes.



Figura 11: Índios Guarani na aldeia de Misiones.



Figura 12: Índios Guarani na aldeia de Misiones



Figura 13: Vanderlei com um primo, em festa junina no IBC.



Figura 14: O IBC depois da reforma em amarelo.

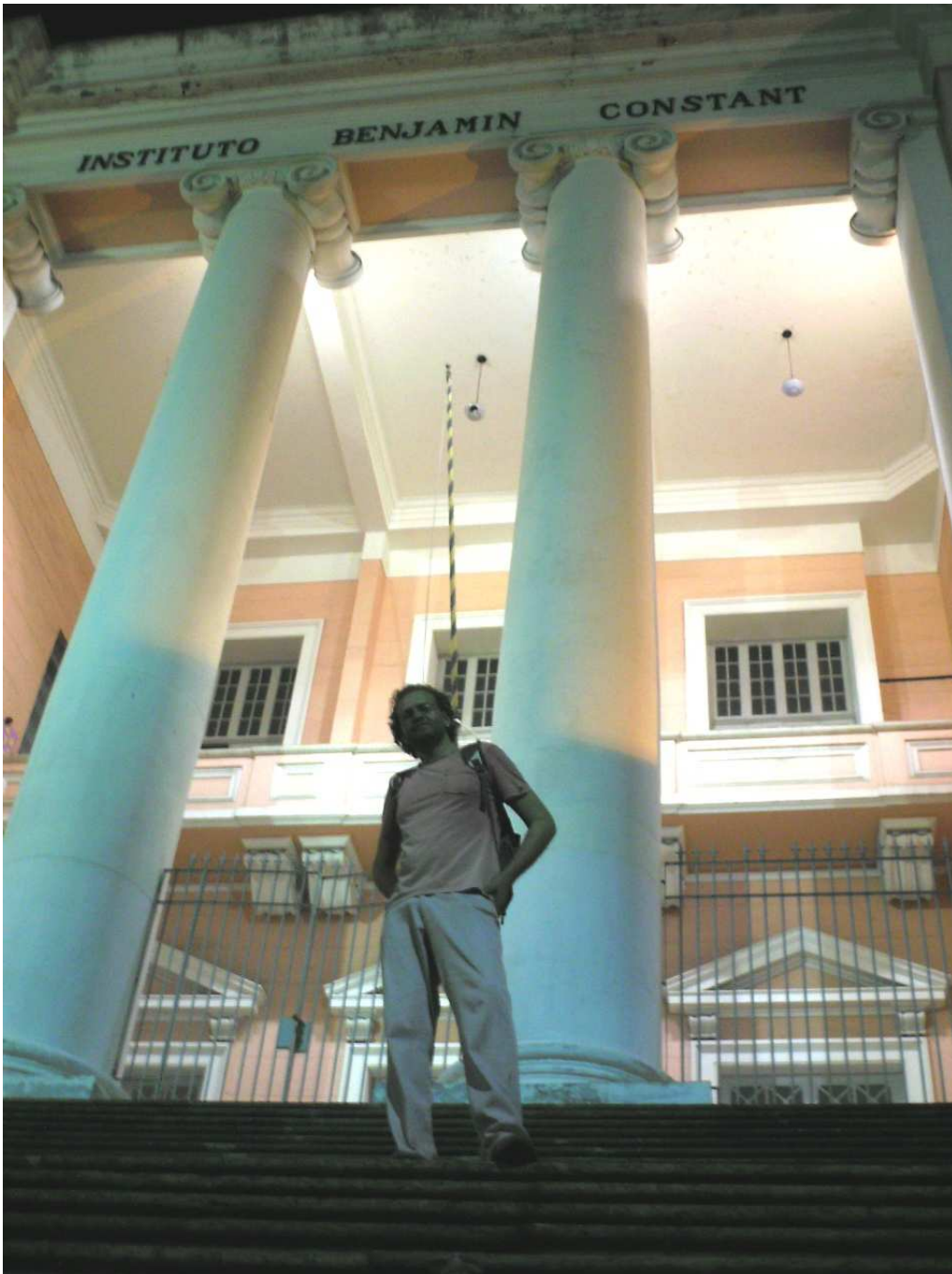


Figura 15: IBC antes da reforma na cor rosa.



Figura 16: Vanderlei mostrando seu livro tátil.



Figura 17: Vanderlei dançando.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)